

BIANCA COSTA SILVEIRA

A CIDADE À MÃO LIVRE

A DOCUMENTAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE SÃO
LUÍS-MA, POR MEIO DOS REGISTROS DE URBAN SKETCHING.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

BIANCA COSTA SILVEIRA

**A CIDADE À MÃO LIVRE: A DOCUMENTAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS
DE SÃO LUÍS-MA, POR MEIO DOS REGISTROS DE URBAN SKETCHING**

São Luís - MA

2025

BIANCA COSTA SILVEIRA

**A CIDADE À MÃO LIVRE: A DOCUMENTAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS
DE SÃO LUÍS-MA, POR MEIO DOS REGISTROS DE URBAN SKETCHING**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Estadual do
Maranhão com requisito para obtenção
do grau de bacharel em Arquitetura e
Urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Débora Garreto
Borges.

São Luís - MA

2025

Silveira, Bianca Costa.

A cidade à mão livre: a documentação dos espaços livres públicos de São Luís – MA, por meio dos registros de urban sketching./ Bianca Costa Silveira – São Luís, 2025.

95 f.: il.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2025.

Orientador: Profa. Dra. Débora Garreto Borges.

Coorientador: Prof. Me. Táris Lisandro Aires dos Santos.

• Documentação. 2. Espaço livre público. 3. Urban sketching. I. Título.

CDU: 711.1(812.1)(091)

Elaborada por Raimunda Aires - CRB 13/939

BIANCA COSTA SILVEIRA

A CIDADE À MÃO LIVRE: A DOCUMENTAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DE SÃO LUÍS-MA, POR MEIO DOS REGISTROS DE URBAN SKETCHING

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão com requisito para obtenção do grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Débora Garreto Borges.

Aprovado em: São Luís, 06/02/2025

BIANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente

gov.br

DEBORA GARRETO BORGES

Data: 06/03/2025 19:24:23-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Débora Garreto Borges (Orientadora)

Doutora em

Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente

gov.br

TARSIS LISANDRO AIRES DOS SANTOS

Data: 07/03/2025 08:08:01-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Tárzis Lisandro Aires dos Santos (Coorientador)

Mestra em

Centro Universitário do Maranhão

Documento assinado digitalmente

gov.br

LUCIA MOREIRA DO NASCIMENTO

Data: 07/03/2025 08:34:40-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Lucia Moreira do Nascimento

Doutora em

Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente

gov.br

TAYANA DO NASCIMENTO SANTANA CAMPOS F

Data: 07/03/2025 14:53:33-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ma. Tayana do Nascimento Santana Campos Figueiredo

Mestra em

Examinadora Externa

Dedico este trabalho à minha família, meu
alicerce todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a Deus. Se hoje tenho a oportunidade de redigir este agradecimento, é graças às inúmeras bênçãos que Ele concedeu a mim e à minha família. Minha fé sempre foi meu guia e alicerce em todos os momentos de dúvida, trazendo força e esperança mesmo diante dos desafios.

Não poderia deixar de expressar minha gratidão a mim. Apenas eu conheço verdadeiramente os desafios que enfrentei, os limites que superei, a determinação que mantive mesmo diante das adversidades, e as pequenas, mas significativas, vitórias que celebrei. Agradeço a mim, sobretudo, pela disciplina e resiliência que me trouxeram até aqui, permitindo que, ao escrever este trabalho, eu possa afirmar com orgulho que persisti e conquistei.

Ademais, expresso minha profunda gratidão à minha família. Eles são minha base, minha fortaleza, e a razão pela qual me mantenho firme e resiliente nesta jornada. Tudo o que conquistei e continuo a buscar é, na maioria, por eles e para eles. Se hoje tenho a oportunidade de concluir esta etapa tão significativa, devo isso ao amor, apoio e incentivo incondicional que sempre me ofereceram.

Agradeço imensamente à minha mãe, minha fortaleza em todos os momentos. Obrigada pelo apoio financeiro e, sobretudo, pelo suporte emocional incondicional, por estar sempre ao meu lado e acreditar em cada objetivo que me proponho a alcançar. Obrigada por ser a primeira incentivadora dos meus sonhos e da minha independência. Encontro na senhora a inspiração de mulher que almejo me tornar; sinto um orgulho imenso por tudo o que a senhora é e por ter o privilégio de ser sua filha. Será uma honra alcançar um terço do que a senhora representa. Amo-a eternamente.

Ao meu pai, expresso minha gratidão por ser meu exemplo de disciplina e dedicação desde sempre. Obrigada pelo apoio financeiro e, acima de tudo, por me motivar a construir um futuro sólido e digno. Sua presença e seu afeto constante são um alicerce que me fortalece e inspira a ser uma pessoa melhor a cada dia. Amo-o eternamente.

Agradeço profundamente à minha irmã, Vanessa, por tudo. É difícil mensurar ou traduzir em palavras o quão essencial sua ajuda foi e continua sendo em minha vida. Desde os nossos primeiros momentos, compartilhamos um vínculo único e eterno. Você é minha maior inspiração de determinação e disciplina, e sinto imenso orgulho da pessoa incrível que se tornou. Inspiro-me em você como pessoa, mulher, irmã e filha, admirando sua forma de ser e agir. Obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos, por me acolher nas crises de choro, me incentivar quando pensei em desistir, me acompanhar nas pesquisas de campo e por

trazer alento e motivação quando tudo parecia perder sentido. Uma vida inteira seria insuficiente para expressar minha gratidão pela sua existência, mas farei o meu melhor para retribuir. Amo você eternamente.

Ao meu irmão, Gabriel, agradeço pelo apoio e pelo carinho, ainda que expresso de forma tímida. Reconheço que demonstrar sentimentos talvez não seja seu ponto forte, mas sei o quanto você torce por mim. Obrigada pelos conselhos e pelas brincadeiras que me ajudaram a superar momentos de tristeza. Sou profundamente grata por todas as suas tentativas de me animar em tempos difíceis. Amo você eternamente.

Gostaria de agradecer, ainda, aos meus amigos dessa longa jornada de cinco anos. Não poderia deixar de expressar minha imensa gratidão pelos momentos compartilhados, conselhos sinceros, risadas que aqueceram o coração e até mesmo pelas frustrações e decepções que enfrentamos, pois cada um desses momentos foi parte essencial do nosso aprendizado. Ana Beatriz Galvão, Ana Clara Reis, Clauber Lobão e Valentiny Carvalho, levarei sempre comigo o carinho e a inspiração que vocês me proporcionaram, muito obrigada.

Pedro Castro, agradeço profundamente por todo o apoio que você me proporcionou ao longo da faculdade. Embora nossos caminhos tenham se cruzado no meio dessa jornada, sua presença tornou-se essencial para mim. Sua calma, compreensão e ajuda nos momentos de dificuldade e frustração foram um alívio imensurável, e as risadas, o entusiasmo e a companhia nos momentos de alegria e conquista tornaram tudo mais leve e significativo. Saiba que o seu apoio aos meus desenhos foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. A todos vocês, espero que nossos caminhos continuem a se cruzar, agora como colegas arquitetos e urbanistas.

A um amigo muito especial expresso minha profunda gratidão. Jordan Barros, serei eternamente grata pela sua valiosa companhia ao longo desta jornada. Nosso vínculo construído foi fundamental para o surgimento desta pesquisa, e posso afirmar com toda certeza que o seu apoio foi indispensável para o meu ingresso na faculdade e para o meu contínuo desenvolvimento artístico até os dias atuais. Não encontro palavras suficientes para expressar minha gratidão por todo o suporte que você me ofereceu, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Agradeço imensamente por se disponibilizar a registrar o material da minha pesquisa, pois sem ele, este trabalho estaria incompleto.

Mais do que isso, sou grata pelo seu apoio constante, por ser alguém em quem sempre pude confiar e por sempre acreditar em mim. Seu encorajamento, sua paciência e sua presença nos momentos mais difíceis foram fundamentais para que eu não desistisse. Sua presença

sempre foi constante e marcante, sendo uma fonte inesgotável de força para mim em inúmeros momentos. Saiba que você fez e faz toda a diferença na minha vida e na minha trajetória. Serei eternamente grata por tudo que fez por mim e espero que possamos continuar desbravando juntos o universo da arte que tanto nos encanta.

À instituição e ao corpo docente que desempenharam um papel fundamental na formação da pessoa que sou hoje, enquanto arquiteta e urbanista, minha sincera gratidão. Agradeço, de maneira geral, a todos os docentes da Universidade Estadual do Maranhão, do curso de Arquitetura e Urbanismo, que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, com seus ensinamentos, orientações e até desafios.

Deixo um agradecimento especial à minha orientadora, professora Débora Garreto. Agradeço imensamente, professora, por todos os ensinamentos transmitidos, pela paciência e compreensão nas nossas reuniões. Sou grata por abraçar esta pesquisa com tanto entusiasmo e dedicação. Suas palavras de encorajamento e sua empolgação em cada encontro foram fundamentais para o meu empenho ao longo dessa jornada. Agradeço também pelo suporte bibliográfico valioso que me foi fornecido, pois sei que, sem seu vasto conhecimento, minha caminhada não teria sido tão completa. Agradeço, ainda, pelo cuidado e responsabilidade com que se dedicou à minha pesquisa, sempre se empenhando para que aprendêssemos juntas.

Agradeço ainda, de forma especial, ao meu coorientador, Társis Aires. Por ironia do destino, meu primeiro exemplo de desenhista tornou-se um dos maiores apoios na minha formação. Társis, sua contribuição foi essencial para a finalização desta pesquisa, e sou grata por todo o conhecimento e aporte teórico que me ofereceu. Quando decidi dissertar sobre o desenho, sabia exatamente a quem recorrer, e você nunca me decepcionou. Agradeço também pelos conselhos e ensinamentos que transcenderam a pesquisa acadêmica; suas palavras me encorajaram a seguir em frente quando tive que recomeçar a escrita do zero. Sou grata pela disponibilidade e compreensão que sempre demonstrou. Obrigada por me ajudar a enxergar e a amar ainda mais o movimento *urban sketching*.

Por último, mas não menos importante, expresso minha sincera gratidão a todos que contribuíram para que esta pesquisa saísse do papel e se tornasse realidade. Agradeço imensamente a cada participante do encontro de *urban sketching*. Alguns de vocês se juntaram a nós sem nenhuma experiência prévia, enquanto outros já eram entusiastas do movimento, e por isso dedico um agradecimento especial a cada um. Espero, sinceramente, que assim como eu, vocês possam olhar para a cidade com novos olhos. Seja você arquiteto, urbanista, desenhista, amador, artista, psicólogo ou qualquer que seja sua formação, desejo que passe a enxergar a cidade com mais amor e sensibilidade.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a prática do *urban sketching*, uma prática artística que consiste em desenhar ao ar livre e diretamente no local, como ferramenta de documentação dos espaços livres públicos. A pesquisa foi motivada pela relevância dessa abordagem no registro dos aspectos históricos, arquitetônicos e sociais do espaço urbano, com foco na cidade de São Luís, Maranhão. Os espaços livres públicos, como praças e parques, desempenham um papel fundamental na vida urbana, sendo locais de convivência, memória e expressão cultural, contudo, em um cenário de rápidas transformações sociais e urbanísticas, como garantir o registro e a preservação desses espaços, que carregam muitas vezes histórias e significados únicos? Nesse contexto, o estudo propõe compreender como o *urban sketching* pode ser utilizado eficazmente como uma ferramenta de documentação e reflexão sobre os espaços livres públicos. Para isso, definiram-se como objetivos específicos: investigar a relação entre a história da arte e da arquitetura e o uso do desenho como ferramenta documental, analisar a prática do *urban sketching* na documentação dos espaços livres públicos de São Luís-MA e explorar a percepção dos usuários sobre esses espaços a partir dos registros visuais produzidos na cidade. A metodologia utilizada foi qualitativa e exploratória, envolvendo revisão bibliográfica sobre arte, arquitetura e *urban sketching*, análise documental dos espaços livres públicos em São Luís-MA e registros visuais produzidos durante o encontro de desenho realizado na Praça Pantheon. Os resultados do estudo, representados pelos registros visuais realizados na Praça Pantheon, consolidam a prática como um instrumento eficaz de documentação e reflexão, visto que permitiu o registro tanto de elementos tangíveis, como estruturas arquitetônicas e paisagens, quanto de aspectos intangíveis, como interações sociais e atmosferas locais. Conclui-se que o *urban sketching* desempenha um papel significativo na documentação dos espaços livres públicos, especialmente em cidades historicamente ricas como São Luís-MA. Assim, o trabalho oferece subsídios para futuras pesquisas que integrem diferentes metodologias e ampliem o alcance da prática como ferramenta de análise e reflexão sobre os espaços urbanos, contribuindo para o planejamento e a conservação do patrimônio arquitetônico.

Palavras-chave: documentação; espaço livre público; *urban sketching*.

ABSTRACT

This study aims to investigate the practice of urban sketching, an artistic practice that consists of drawing outdoors and directly on site, as a tool for documenting public spaces. The research was motivated by the relevance of this approach in recording the historical, architectural and social aspects of urban space, with a focus on the city of São Luís, Maranhão. Public spaces, such as squares and parks, play a fundamental role in urban life, being places of coexistence, memory and cultural expression. However, in a scenario of rapid social and urban transformations, how can we guarantee the recording and preservation of these spaces, which often carry unique stories and meanings? In this context, the study proposes to understand how urban sketching can be used effectively as a tool for documentation and reflection on public spaces. To this end, the following specific objectives were defined: to investigate the relationship between the history of art and architecture and the use of drawing as a documentary tool, to analyze the practice of urban sketching in the documentation of public spaces and to explore users' perception of these spaces based on the visual records produced in the city. The methodology used was qualitative and exploratory, involving a bibliographic review on art, architecture and urban sketching, documentary analysis of public spaces in São Luís and visual records produced during the drawing meeting held at Praça Pantheon. The results of the study, represented by the visual records made at Praça Pantheon, consolidate the practice as an effective instrument of documentation and reflection, since it allowed the recording of both tangible elements, such as architectural structures and landscapes, and intangible aspects, such as social interactions and local atmospheres. It is concluded that urban sketching plays a significant role in the documentation of public spaces, especially in historically rich cities such as São Luís. Thus, the work offers subsidies for future research that integrates different methodologies and expands the scope of the practice as a tool for analysis and reflection on urban spaces, contributing to the planning and conservation of architectural heritage.

Keywords: documentation; public space; urban sketching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Intervenções que valorizam espaços consolidados no interior da favela e pavimentação, infraestrutura sanitária e rede de drenagem nas vias existentes.	23
Figura 02: Intervenções que valorizam espaços consolidados no interior da favela e pavimentação, infraestrutura sanitária e rede de drenagem nas vias existentes.	23
Figura 03: 2º Festival Criativo no Parque Ibirapuera	24
Figura 04: Favela Olímpica: Pôster.	24
Figura 05: Villa Malcontenta, Andrea Palladio.	26
Figura 06: Desenhos de Andrea Palladio.	27
Figura 07: Villa Thiene, Andrea Palladio.	27
Figura 08: Desenhos da estrutura da cúpula de Brunelleschi.	28
Figura 09: Desenhos da estrutura da cúpula de Brunelleschi.	28
Figura 10: Desenho que demonstra alguns planos de Leonardo da Vinci para a nova cúpula para ser construída para Catedral de Milão, Leonardo da Vinci, Biblioteca do Instituto da França, Paris.	29
Figura 11: Esboço de estudo de trabalhos internos dos projetos arquitetônicos de Leonardo da Vinci entre 1487 e 1490.	30
Figura 12: Estudos para uma igreja de cúpula centralizada, Manuscrito B, 1480, 16 x 22 cm, Leonardo da Vinci, Biblioteca do Instituto, da França, Paris.	31
Figura 13: Desenhos de Michelangelo para a cúpula da Basílica de São Pedro no Vaticano, (1475-1564), Itália.	33
Figura 14: Vista do desenho de Michelangelo para a fachada da Basílica de São Pedro, Roma, Itália (gravura).	33
Figura 15: Projeto de restauração da fachada oeste da catedral de Notre Dame em Paris com reconstrução da torre na travessia, 1843.	34
Figura 16: Desenho utilizado para evidenciar junto ao poder decisório, a urgência da situação do Centro Histórico de São Luís, Maranhão.	35
Figura 17: Perspectiva para mostrar com a mesma finalidade da figura anterior, os benefícios da recuperação do Centro Histórico de São Luís, Maranhão.	35
.	35
Figura 18: Encontro de Urban Sketching em Tauá, Ceará, Brasil.	38
Figura 19: Encontro de Urban Sketching na cidade de Salto, São Paulo, Brasil.	38
Figura 20: Desenho no Largo de Santa Rita do Museu de Arte Sacra de Paraty, Rio de Janeiro.	39
Figura 21: Desenho do Parque Realengo Susana Napolini, Rio de Janeiro.	39
Figura 22: Desenho da Praça da Sé, em Salvador, Bahia.	40
Figura 23: Desenho da Igreja de Santa Rita, em Paraty, Rio de Janeiro.	40
Figura 24: Desenho em Paraty, Rio de Janeiro.	41
Figura 25: Desenho em Gramado, Rio Grande do Sul, na @festurisgramado.	42

Figura 26: Encontro de urban sketchers em Paraty, Rio de Janeiro.	43
Figura 27: Encontro de urban sketchers em Sorriso, Mato Grosso.	43
Figura 28: Encontro de urban sketchers em Paraty, Rio de Janeiro.	44
Figura 29: Desenho no mercado San Telmo, Buenos Aires.	45
Figura 30: Desenho do Parque Realengo Susana Napolini, Rio de Janeiro.	46
Figura 31: Sketch no “O Mundo do Circo”, São Paulo.	46
Figura 32: Desenho da Praça Dom José Gaspar, São Paulo.	47
Figura 33: Desenhando na Praça da Lagoa da Jansen, São Luís, Maranhão.	47
Figura 34: Desenhando na Praça da Matriz, Alcântara, Maranhão.	48
Figura 35: Desenhando no Pavilhão Japonês, Parque Ibirapuera, São Paulo.	48
Figura 36: Desenho da fachada da Fábrica Santa Amélia, São Luís, Maranhão.	49
Figura 37: Desenho da Escola Dr Xavier da Silva, Curitiba, Paraná.	49
Figura 38: Desenho das ruas de Copacabana, Rio de Janeiro.	50
Figura 39: Grupo Urban Sketchers, São Luís.	52
Figura 40: Recorte do Mapa com os Encontros dos Urban Sketchers São Luís.	53
Figura 41: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.	54
Figura 42: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.	55
Figura 43: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.	55
Figura 44: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.	56
Figura 45: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.	56
Figura 46: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.	57
Figura 47: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.	57
Figura 48: Desenhos na cidade de São Luís, Maranhão, Praça João Lisboa.	58
Figura 49: Desenho na cidade de São Luís, Maranhão, Praça Pantheon.	59
Figura 50: Desenho na cidade de São Luís, Maranhão, Festa de São Marçal.	59
Figura 51: Desenho da cidade de São Luís, Maranhão, Estacionamento do Camino Supermercados.	60
Figura 52: Recorte do Mapa com os Encontros dos Urban Sketchers São Luís.	61
Figura 53: Encontro-protesto pela Recuperação da Casa de Aluísio Azevedo, São Luís, Maranhão.	62
Figura 54: Encontro-protesto pela Recuperação da Casa de Aluísio Azevedo, São Luís, Maranhão.	63
Figura 55: Encontro-protesto pela Recuperação da Casa de Aluísio Azevedo, São Luís, Maranhão.	63
Figura 56: Exposição Urbanos, Galeria Trapiche, São Luís, Maranhão.	64
Figura 57: Exposição Urbanos, Galeria Trapiche, São Luís, Maranhão.	64
Figura 58: Exposição Cajueiro - Fazer Memória Vida, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.	65
Figura 59: Exposição Cajueiro - Fazer Memória Vida, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.	65
Figura 60: Exposição Cajueiro - Fazer Memória Vida, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.	66

Figura 61: Comunidade do Cajueiro, Maranhão.	66
Figura 62: Exposição “Caminho Grande: A Primeira Cidade”, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.	67
Figura 63: Exposição “Caminho Grande: A Primeira Cidade”, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.	67
Figura 64: Exposição “Caminho Grande: A Primeira Cidade”, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.	68
Figura 65: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.	69
Figura 66: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.	69
Figura 67: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.	70
Figura 68: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.	70
Figura 69: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.	70
Figura 70: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.	71
Figura 71: Exposição 211 Anos, Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA).	72
Figura 72: Exposição 211 Anos, Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA).	72
Figura 73: Exposição 211 Anos, Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA).	73
Figura 74: Exposição 211 Anos, Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA).	73
Figura 75: Pôster de Divulgação do Encontro de Desenho.	75
Figura 76: Vista Aérea da Praça do Pantheon.	75
Figura 77: Foto do encontro de desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão. Fonte: Autoral, 2025.	76
Figura 78: Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	77
Figura 79: Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	78
Figura 80: Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	78
Figura 81: Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	79
Figura 82: Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	80
Figura 83: Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	81
Figura 84: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	82
Figura 85: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	82
Figura 86: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	83
Figura 87: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	83
Figura 88: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	84
Figura 89: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	85
Figura 90: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	85
Figura 91: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	86
Figura 92: Desenhos realizados na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A DOCUMENTAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	17
2.1 O Espaço Livre Público	17
2.2 O Registro como Metodologia de Documentação	20
2.3 O Desenho como Ferramenta Documental na Restauração Arquitetônica	24
3 O MOVIMENTO URBAN SKETCHING	35
3.1 História e Importância no Registro dos Espaços Urbanos	35
3.2 O Grupo Urban Sketchers São Luís (USK-SLZ)	49
3.3 Os Espaços Livres Públicos de São Luís por Meio do Urban Sketching	57
4 URBAN SKETCHING EM SÃO LUÍS: A PRAÇA PANTHEON E A RELEVÂNCIA DA DOCUMENTAÇÃO ATRAVÉS DO DESENHO	71
4.1 Análise e Importância dos Registros de Urban Sketching da Praça Pantheon	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86

1 INTRODUÇÃO

Consolidada como a arte de projetar e construir espaços que atendem às necessidades humanas, a arquitetura considera não apenas a estética, mas também as funções e a harmonia com o ambiente e a cultura local, visto que se comunica com a história, a sociedade e o futuro ao redor. Dessa forma, ao longo do tempo, ela tem se manifestado mediante diferentes estilos refletidos por meio das transformações culturais, sociais, tecnológicas e estéticas.

Sequeira (2020), em seus estudos sobre Vitruvius, um dos primeiros teóricos da arquitetura, constatou que esse estabeleceu que qualquer edifício deve ser sólido (*firmitas*), útil (*utilitas*) e bonito (*venustas*), princípios que ainda são a base do design arquitetônico moderno, ou seja, cada construção carrega em si uma série de elementos que tornam a arquitetura uma das formas mais completas de arte e ciência.

Ademais, historicamente, a arquitetura sempre foi considerada uma das grandes formas de fazer artístico, ao lado da pintura e da escultura. Percebe-se este fato desde os tempos antigos, com os templos gregos e romanos, até os edifícios contemporâneos de vanguarda, reflexo das culturas e das sociedades em que se inserem, uma vez que ela não se limita ao edifício, mas se estende ao espaço público, ao urbanismo e à paisagem. Assim, ao refletir sobre a evolução da arquitetura, é possível perceber que, assim como outras formas de arte, ela sempre teve o papel de representar a visão de mundo e os valores de uma sociedade, tornando-se um meio de expressão e comunicação.

Nesse contexto, desde os tempos mais remotos, a arte tem sido uma forma essencial de comunicação, de expressão cultural e de representação da visão de mundo do ser humano, visto que se manifesta de diversas maneiras, incluindo pintura, escultura, música, dança, teatro, literatura, arquitetura e, mais recentemente, mídias digitais e interativas.

Assim, os movimentos estéticos se tornam um registro da transformação das civilizações e das mudanças no pensamento e nas práticas humanas. Grandes arquitetos ao longo da história, como Leonardo da Vinci e Michelangelo, também eram artistas e utilizavam o desenho como uma extensão de sua prática. Para eles, desenhar não era apenas uma técnica, mas uma forma de pensar e explorar conceitos sobre espaço, forma e luz. O desenho, nesse sentido, vai além de uma mera representação de um edifício, ele se torna uma expressão das ideias e sentimentos do arquiteto, um processo criativo que reflete a união entre arte e técnica.

Nesse âmbito, sendo a principal ferramenta para representar e comunicar as ideias do arquiteto, o desenho desempenha um papel crucial, desde o esboço inicial até os desenhos técnicos, permitindo visualizar, planejar e entender um projeto antes de sua execução, uma vez que traduz como o espaço deve ser vivido e percebido.

Diante disso, o desenho, enquanto linguagem gráfica, é a forma através da qual as ideias arquitetônicas se tornam concretas, e a arte, seja no design de um edifício ou na relação que ele estabelece com seu entorno, busca sempre ir além da pura utilidade, criando espaços que inspiram, emocionam e provocam. Assim, arquitetura, desenho e arte formam um triângulo indissociável, em que a prática técnica encontra a criatividade e a beleza, resultando em construções que são, ao mesmo tempo, funcionais e expressivas.

Em se tratando dos espaços urbanos, a arte também se manifesta com grande contribuição, visto que consegue transformá-los em ambientes carregados de significado, identidade e emoção. Os espaços livres públicos, como praças, parques, ruas e avenidas, são locais onde as pessoas se encontram, interagem e experimentam a cidade de maneira coletiva. Quando a arte se insere nesses espaços, ela pode alterar a percepção que temos sobre eles, tornando-os mais estimulantes para o público.

Segundo Lefebvre (2009), o espaço não é apenas um recipiente vazio onde a vida ocorre, mas é produzido social e politicamente, ele introduz a ideia de que o espaço é uma construção social influenciada por relações de poder, cultura e economia. Logo, além de cruciais para a prática democrática, os espaços livres públicos também promovem locais de encontros, socialização e construção de relações, sendo assim, sua importância vai além da funcionalidade; tornando-os essenciais para a construção de identidades culturais e a promoção da coesão social, permitindo que diferentes grupos se reúnam e compartilhem experiências. Logo, essa interação constante dos cidadãos com os espaços livres públicos torna-se significativamente enriquecida por práticas que incentivam uma observação mais atenta e uma reflexão aprofundada sobre o ambiente urbano.

Nesse cenário, destaca-se o *urban sketching*, uma prática que, por meio do desenho ao ar livre, oferece uma maneira única de explorar e compreender as diversas dimensões do espaço urbano, visto que, ao incentivar a captura das formas, texturas, movimentos e atmosferas de ambientes livres públicos, a prática não apenas contribui para uma valorização mais profunda do espaço urbano, mas também fortalece o vínculo com aqueles que o habitam e o utilizam cotidianamente. A prática, ao documentar os aspectos visuais e dinâmicos dos espaços livres públicos, permite que se preserve não apenas a memória de elementos culturais

e arquitetônicos, mas também aspectos mais sutis, como as interações sociais e as vivências compartilhadas nesses espaços.

Em face disso, o desenho urbano, enquanto ferramenta de documentação, vai além de uma simples representação gráfica, ele se configura como um exercício de atenção detalhada e sensibilidade estética, permitindo uma leitura mais crítica e contextualizada do ambiente.

A prática do *urban sketching* também oferece a oportunidade de refletir sobre a transformação dos espaços ao longo do tempo, seja pelas mudanças arquitetônicas ou pela maneira como os cidadãos os utilizam, tornando-se uma ferramenta essencial de documentação do espaço. Podemos visualizar estas ideias em Gregory (2008), o qual argumenta que o simples ato de desenhar força você a desacelerar e realmente observar. Diferentemente da fotografia, o desenho exige um entendimento íntimo do que se vê. Através do desenho, os *sketchers*, artistas que fazem esboços ou desenhos rápidos, muitas vezes capturam nuances e detalhes que passam despercebidos, permitindo uma compreensão mais profunda dos ambientes públicos.

Sendo assim, torna-se deveras importante investigar a relação do desenho para com o registro dos espaços livres públicos, visando respostas acerca da relevância destes na documentação da cidade de São Luís-MA. À vista disso, este projeto de pesquisa, tem como objetivo principal investigar a prática do *urban sketching* como ferramenta para a documentação dos espaços livres públicos em São Luís, Maranhão.

Especificamente busca-se investigar a relação entre a história da arte e da arquitetura e o uso do desenho como ferramenta documental, analisar a prática do *urban sketching* na documentação dos espaços livres públicos de São Luís-MA e explorar a percepção dos usuários sobre esses espaços a partir dos registros visuais produzidos na cidade. A metodologia utilizada foi qualitativa e exploratória, envolvendo revisão bibliográfica sobre arte, arquitetura e *urban sketching*, análise documental dos espaços livres públicos em São Luís e registros visuais produzidos durante o encontro de desenho realizado na Praça Pantheon.

Para o estudo bibliográfico e construção do referencial teórico, este trabalho buscou basear-se em autores e teóricos que dissertam acerca da cidade e do desenho. Primordialmente, se faz necessário destacar a importância do uso e da ocupação de espaços livres públicos, uma vez que sua ocupação ativa fortalece a vida urbana e a memória local.

Jacobs (2011), argumenta que a presença constante de pessoas e atividades variadas nos espaços livres públicos é crucial para a segurança e vitalidade urbana. Ela destaca a importância dos “olhos na rua”, a vigilância informal dos residentes e comerciantes que

garantem espaços livres públicos seguros e vibrantes. Nesse viés, os *sketchers*, ao promoverem a ocupação ativa e engajada dos espaços livres públicos, exercem uma presença constante e visível, contribuindo para a segurança através da observação e do engajamento direto com o ambiente, visto que, enquanto desenham, tornam-se observadores atentos, indo além de uma expressão artística, tornando-se também uma forma de ativismo urbano.

Em se tratando das manifestações artísticas nos espaços livres públicos, Campanário (2012), discorre que o movimento *urban sketching* possibilita ver o mundo em um desenho de cada vez, documentando o mundo ao nosso redor e compartilhando com os outros. Diante dessa compreensão, pode-se perceber como essa dinâmica auxilia na preservação da memória e do patrimônio cultural da cidade, refletindo a diversidade e a identidade cultural de uma comunidade.

O caminhante transforma o espaço social em um lugar. Por outro lado, ele expressa socialmente sua própria existência transformando o espaço em um lugar. Nós andamos em uma paisagem que se torna um lugar quando relacionada a nossos movimentos (De Certeau, 1984, p. 108).

Para o desenvolvimento deste estudo, foram estabelecidas e detalhadas etapas de pesquisa e procedimentos metodológicos, de modo a adquirir o conhecimento necessário para uma execução precisa da pesquisa. Foram realizadas pesquisas bibliográficas acerca da relação entre a arte e a arquitetura, no que tange ao uso do desenho em processos de restauração de espaços históricos; revisão de literatura acerca do manifesto *urban sketching*, sua origem e sua aplicação na documentação de espaços urbanos; análise dos espaços livres públicos na cidade de São Luís por meio de desenhos documentados e realização de um encontro de *urban sketching* para coletar registros visuais e analisar sua relevância, explorando a percepção dos participantes.

A estrutura do trabalho, nesse sentido, divide-se em seis capítulos. O capítulo introdutório aborda a relação intrínseca entre arte, desenho e arquitetura, destacando a relevância dessas áreas no contexto histórico e cultural e sua interação no âmbito da documentação e preservação dos espaços urbanos. Neste capítulo, apresenta-se o objetivo principal da pesquisa, que consiste em investigar o *urban sketching* como ferramenta de documentação dos espaços livres públicos, além de detalhar os objetivos específicos e expor a metodologia empregada na pesquisa, bem como os referenciais teóricos que sustentam a investigação.

O segundo capítulo dedica-se à apresentação dos conceitos e características fundamentais dos espaços livres públicos, enfatizando sua importância como elementos

estruturantes do ambiente urbano e como locais de interação social, cultural e recreativa. Além disso, explora-se a relevância do registro desses espaços como uma metodologia eficaz de documentação, destacando sua capacidade de preservar aspectos históricos, culturais e arquitetônicos. O capítulo também apresenta exemplos práticos que ilustram como o registro dos espaços livres públicos pode ser aplicado em diferentes contextos, incluindo técnicas de desenho, fotografia e outras formas de documentação visual.

O terceiro capítulo, aborda o movimento global do *urban sketching*, sua história e a importância no registro dos espaços urbanos como uma prática fundamental para a documentação dos espaços livres públicos. Além disso, o capítulo apresenta o Grupo *Urban Sketchers* São Luís (USK-SLZ), destacando sua atuação no registro visual dos espaços livres públicos da cidade.

O quarto capítulo apresenta uma análise de São Luís por meio dos registros produzidos pela prática do *urban sketching*, destacando como essa abordagem artística e documental pode revelar aspectos únicos da cidade e de seus espaços livres públicos. O capítulo enfatiza o encontro de desenho realizado na Praça Pantheon, importante marco urbano e histórico da cidade, a qual serviu como cenário para a produção de registros visuais que retratam as características, dinâmicas e transformações do local.

Por fim, têm-se as considerações finais, a qual sintetiza os descobertos da pesquisa, destacando a importância do *urban sketching* como uma ferramenta de documentação e reflexão sobre as transformações da cidade de São Luís e as referências bibliográficas.

Importa salientar que estudar o *urban sketching* enquanto artifício de documentação das transformações da cidade de São Luís é altamente relevante, ao oferecer uma perspectiva única e acessível sobre os processos urbanos que moldam o espaço e a vida cotidiana na cidade. Ao contrário de abordagens fotográficas ou jornalísticas, o *urban sketching* permite que o artista se envolva de maneira mais profunda e sensível com os detalhes do ambiente. Em São Luís, com sua rica diversidade histórica, arquitetônica e cultural, essa prática se torna ainda mais valiosa, por permitir registrar tanto os elementos tradicionais da cidade, como seus casarões coloniais, quanto às novas dinâmicas de urbanização e crescimento.

2 A DOCUMENTAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

2.1 O Espaço Livre Público

Os espaços livres públicos se constituem como áreas acessíveis à sociedade, projetados para o uso e a interação social, uma vez que desempenham um papel crucial na vida urbana e comunitária, oferecendo locais para atividades sociais, culturais e recreativas. Ademais, oferecem oportunidades para atividades físicas, como caminhadas e esportes, contribuindo para a saúde e o bem-estar dos indivíduos, além de serem espaços de expressão cultural e identidade comunitária, refletindo a história, as tradições e os valores de uma comunidade.

Partindo desse ponto de vista, a documentação desses espaços, torna-se fundamental para manter e proteger informações de importância histórica, cultural ou científica, visto que esse processo garante a apreensão acerca das características dos bens patrimoniais, possibilitando seu estudo, apreço e uso pelas futuras gerações.

Segundo Macedo (2008), o espaço livre público é descrito como “o lugar da vida coletiva”, um conceito que transcende sua dimensão física para abarcar um papel central na dinâmica urbana e social. Sendo assim, esses espaços representam o palco onde a cidade se manifesta em sua plenitude, funcionando como um elo entre os cidadãos e o ambiente urbano.

Ele argumenta que o espaço livre público deve ser projetado e gerido de maneira inclusiva e acessível, permitindo que pessoas de diferentes idades, origens e condições possam utilizá-lo equitativamente. Além disso, deve oferecer condições para diferentes tipos de usos, como atividades de lazer, manifestações culturais, encontros sociais e eventos políticos, adaptando-se constantemente às transformações e necessidades da sociedade.

Macedo (2008) comenta que esses espaços não são meros locais de passagem ou convivência ocasional, mas sim ambientes essenciais para a construção de cidadania e para o fortalecimento do senso de pertencimento comunitário. Eles criam oportunidades para o exercício da interação social e do engajamento cívico, funcionando como catalisadores de trocas culturais e do debate democrático.

Logo, mais do que simples componentes da infraestrutura urbana, os espaços livres públicos assumem uma dimensão simbólica e prática na vida das cidades, refletindo os valores, aspirações e desafios das sociedades que os utilizam. São locais onde a diversidade encontra expressão, onde as culturas se entrelaçam e onde a própria identidade urbana se consolida. Portanto, investir em espaços livres públicos de qualidade é investir na qualidade de vida urbana e na promoção de uma sociedade mais justa e coesa.

Jacobs (2011), complementa essa visão ao argumentar que o espaço livre público, representado por ruas, praças e outros locais de convivência urbana, é o “coração da vida social”. Para ela, esses espaços desempenham um papel central na vitalidade e segurança das

idades, uma vez que um espaço livre público ativo e bem utilizado reflete a saúde e o dinamismo de uma comunidade urbana.

Esses espaços não são apenas locais de passagem ou de descanso, mas verdadeiros cenários onde a vida urbana se desenrola, permitindo interações espontâneas, fortalecendo os laços sociais e promovendo um senso de pertencimento coletivo. Ela enfatiza que ruas movimentadas e praças vibrantes criam uma rede de vigilância natural, na qual os próprios cidadãos tornam-se guardiões da segurança local, contribuindo para a sensação de acolhimento e proteção. Além disso, os espaços livres públicos são multifuncionais, atendendo a uma ampla gama de necessidades da vida urbana.

Nessa conjuntura, as praças e ruas são ambientes essenciais para o lazer e o descanso, como afirmam Robba & Gonçalves (2008), a ocupação ativa das praças e ruas contribui para a segurança e a vitalidade das cidades. Ademais, em sua obra, Robba (2008), enfatiza que o espaço livre público não é apenas um local físico, mas também um campo de encontro e trocas entre indivíduos e grupos sociais, funcionando como um elemento essencial para a construção da cidadania e da identidade urbana. O mesmo define o espaço livre público como um componente central da estrutura urbana, o qual precisa ser inclusivo, bem projetado e acessível a todos.

Servem também como palco para manifestações culturais e artísticas, abrigando eventos que tornam as cidades mais dinâmicas e diversas, uma vez que, festivais, exposições e apresentações artísticas que ocorrem frequentemente em áreas públicas, permitem o acesso à cultura de forma gratuita e inclusiva, aponta Carlos (2004).

Rocha (2010), comenta que monumentos, praças históricas e edifícios públicos não são apenas pontos de referência física, mas também símbolos de histórias e narrativas que moldam a identidade de uma comunidade. Nesse contexto, torna-se essencial refletir sobre as transformações dos espaços livres públicos ao longo do tempo, pois essas mudanças não apenas revelam a evolução física das cidades, mas também refletem as dinâmicas sociais, culturais, econômicas e políticas que moldam seu desenvolvimento.

As transformações dos espaços livres públicos ao longo do tempo refletem mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas que acompanham a evolução das cidades. Historicamente, muitos desses espaços foram concebidos como locais de encontro e convivência, desempenhando papéis simbólicos, culturais e funcionais fundamentais. No entanto, suas características e usos vêm sendo continuamente modificados, tanto em resposta às necessidades e preferências da população quanto em função de intervenções urbanísticas e políticas públicas.

À vista disso, documentar esses espaços é essencial para compreender a sua transformação e seu impacto na qualidade de vida urbana. Mumford (1961) salienta que registrar as transformações dos espaços urbanos é preservar a história viva das cidades, garantindo que as memórias de sua transformação sejam mantidas. Essas, carregam consigo as narrativas de suas comunidades, tornando-se testemunhos vivos das relações entre as pessoas, o espaço e a cidade ao longo do tempo.

Portanto, registrar essas mudanças garante que futuras gerações compreendam a relação entre o passado e o presente, corroborando com os pensamentos de Choay (2001), ao afirmar que, a documentação das mudanças nos espaços livres públicos é um ato de resistência ao esquecimento, uma forma de conectar o passado ao presente. Além disso, tais registros são valiosos para o planejamento urbano, permitindo que urbanistas, arquitetos e gestores compreendam como os espaços foram utilizados e modificados, orientando intervenções futuras que respeitem o caráter histórico e cultural desses locais.

2.2 O Registro como Metodologia de Documentação

A documentação é o processo de coleta, organização, registro, preservação de informações, dados ou evidências de forma sistemática e acessível para consulta futura, sendo assim, em diversos campos, a documentação desempenha um papel fundamental na organização do conhecimento, na preservação da memória e na comunicação eficaz de informações. Segundo Castro e Campos (2010, p. 45), a documentação é definida como “um conjunto de processos destinados a recolher, tratar e disseminar informações que servem para a elaboração do conhecimento e da memória coletiva, tendo importância tanto para o passado quanto para o presente”. Essa definição destaca a sua relevância multifacetada, que vai além de uma simples coleta de dados, abrangendo um papel central na preservação da história, no fortalecimento da identidade cultural e no suporte à tomada de decisões para o futuro.

Dessa forma, torna-se uma prática essencial para assegurar a continuidade do saber e para a construção de narrativas que conectam diferentes gerações. Ao reunir informações, ela preserva os vestígios do passado, permitindo que a memória coletiva de uma sociedade seja mantida viva e acessível, logo torna-se um processo particularmente importante em contextos culturais e históricos, em que a perda de registros pode significar a diluição de identidades e valores fundamentais.

Em outro contexto, no campo da preservação cultural e arquitetônica, a documentação é crucial para registrar e monitorar os aspectos físicos e simbólicos de bens culturais,

permitindo sua proteção e transmissão às gerações futuras. Essa prática não apenas assegura a continuidade do patrimônio histórico, mas também promove o reconhecimento do valor dessas heranças no contexto contemporâneo. Silva (2006, p. 78), afirma que “a documentação envolve a reunião de registros e dados, os quais são essenciais para garantir a veracidade e continuidade de atividades, sejam elas científicas, jurídicas ou culturais, funcionando como base para a construção do saber”. Portanto, ao coletar dados sobre monumentos, edifícios e espaços livres públicos, é possível compreender suas evoluções e significados, bem como orientar ações de restauração e conservação.

Em outro questionamento, Silva (2006), também ressalta que a documentação não se limita a armazenar informações, mas exerce um papel ativo na produção de conhecimento. Ao reunir registros fidedignos e detalhados, ela oferece uma base sólida para a análise crítica e para a construção de novas teorias, práticas e estratégias. Nesse sentido, não se configura como um processo passivo de simples coleta de dados, mas sim um mecanismo fundamental para a interpretação e compreensão da realidade, tendo um valor transformador, ao permitir uma reflexão profunda sobre o que foi registrado, oferecendo perspectivas que podem remodelar práticas existentes ou sugerir abordagens inovadoras.

Esse processo de transformação se aplica, por exemplo, no campo da arquitetura e urbanismo, onde o registro de espaços e edificações possibilita análises mais profundas sobre os processos de ocupação, as dinâmicas sociais e as necessidades de intervenções. Através da documentação, é possível questionar, repensar e recontextualizar práticas, ampliando o entendimento do espaço urbano e das relações sociais que nele se estabelecem.

No contexto urbano, a documentação fornece dados essenciais para o desenvolvimento de planos urbanos, políticas públicas e estratégias de gestão de espaços livres públicos, assim como auxilia na identificação, proteção e restauração de bens culturais e históricos, garantindo que a memória e a identidade urbana sejam preservadas, como sinaliza Carvalho (2015), ao pontuar que a documentação dos espaços livres públicos é um processo que envolve o entendimento das dinâmicas sociais e culturais, não sendo apenas um registro físico ou gráfico, mas um processo essencial para a preservação da identidade e história de um lugar.

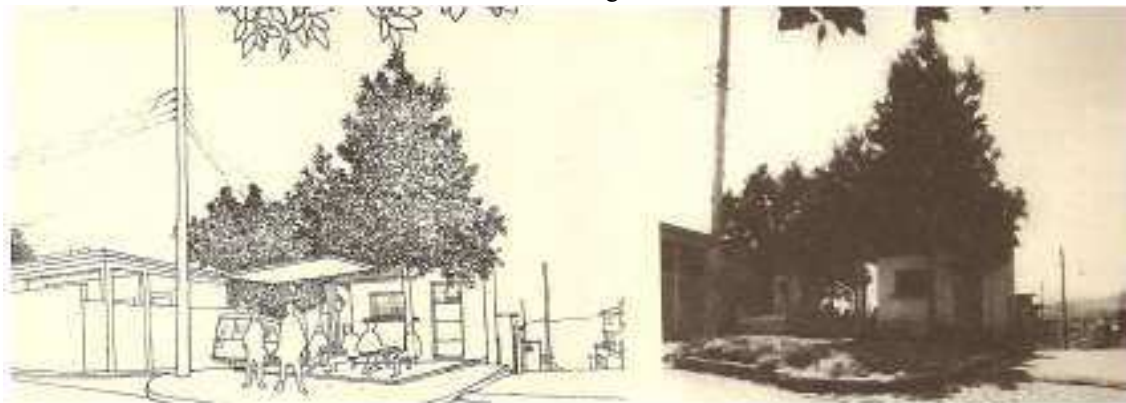
Nos últimos anos, a documentação de espaços livres públicos tem sido uma área de crescente interesse acadêmico e profissional, especialmente com o advento de métodos participativos, em “Participatory Mapping and Community-Based Documentation: Enhancing Urban Resilience and Heritage Conservation” (2021) são examinados como métodos participativos: o mapeamento comunitário e a documentação colaborativa, os quais podem ser utilizados para documentar espaços livres públicos e preservar a sua memória. O mesmo

explora como o mapeamento participativo e a documentação baseada na comunidade podem ser utilizados para melhorar a resiliência urbana e a conservação do patrimônio, destacando a importância de envolver ativamente os membros da comunidade no processo de documentação dos espaços para garantir que suas perspectivas e conhecimentos locais sejam incluídos.

Além do mapeamento participativo, existem ainda entrevistas, narrativas orais, desenhos, fotografias, videografias, etc., juntos, constituem um método multifacetado, uma vez que podem ser realizados concomitantemente.

Como exemplificação, temos esboços de projetos de urbanização de favelas no Rio de Janeiro (Figuras 01 e 02), em que mostram propostas de melhoria para espaços livres públicos e áreas comuns nas favelas, além de fotografias de eventos públicos no Parque do Ibirapuera (Figura 03), em que documentam como o parque é usado para eventos culturais e sociais, mostrando a interação das pessoas com o espaço.

Figura 01: Intervenções que valorizam espaços consolidados no interior da favela e pavimentação, infraestrutura sanitária e rede de drenagem nas vias existentes.



Fonte: Leitão; Delecrave (2013).

Figura 02: Intervenções que valorizam espaços consolidados no interior da favela e pavimentação, infraestrutura sanitária e rede de drenagem nas vias existentes.



Fonte: Leitão; Delecrave (2013).

Figura 03: 2º Festival Criativo no Parque Ibirapuera.



Fonte: Divulgação/Matula / Meu Passeio, 2023.

Tem-se ainda o documentário *Favela Olímpica* (Figura 04), sobre a batalha Olímpica dos moradores da pequena favela Vila Autódromo, perto do Parque Olímpico Rio 2016, e a prefeitura. O filme inicia dois anos antes dos Jogos Olímpicos de 2016, e mostra a longa história de resistência da comunidade contra a ânsia das autoridades em remover os moradores e suas casas, possibilitando visualizar o uso e a transformação do espaço livre público antes, durante e após os jogos olímpicos.

Figura 04: Favela Olímpica: Pôster.

Fonte: Adorocinema, 2017.

Cada abordagem e metodologia de documentação de espaços livres públicos têm suas próprias contribuições e limitações. A escolha da metodologia mais adequada depende dos objetivos específicos do projeto, dos recursos disponíveis e do contexto local. Essa abordagem participativa no mapeamento e na documentação comunitária destaca a importância do envolvimento direto da população no registro das transformações de seus próprios espaços, visto que ao coletar e incorporar as experiências e as histórias dos residentes, esses projetos oferecem uma visão mais profunda e autêntica das realidades locais.

Nesse sentido, o registro como metodologia de documentação é uma prática essencial para a preservação de informações e a construção de conhecimento sobre espaços, mediante diversos meios, como fotografias, textos e desenhos. O desenho, em particular, tem um papel relevante como ferramenta de documentação, pois além de ser um método técnico de documentação, no contexto urbano tem um valor interpretativo e subjetivo, permitindo que o autor não apenas registre, mas também reflita sobre o espaço, suas transformações e a relação entre o ser humano e o ambiente.

No caso do *urban sketching*, prática de desenho que envolve a representação do ambiente urbano a partir da observação direta, o desenho como metodologia de documentação adquire uma dimensão ainda mais relevante, ao ocorrer diretamente no local, durante a

interação com o espaço. Os praticantes de *urban sketching* capturam, de maneira espontânea e imediata, os elementos urbanos e os ambientes ao seu redor, criando registros autênticos e ricos de detalhes. Esses desenhos podem ser usados para documentar a evolução e as transformações dos espaços urbanos, como praças, ruas e edifícios históricos, servindo como um recurso valioso para análises e estudos sobre a cidade e seu desenvolvimento ao longo do tempo.

Portanto, o registro por meio do desenho, seja ele técnico ou artístico, é uma metodologia poderosa para a documentação e preservação de espaços urbanos e arquitetônicos. Ele não só cria um arquivo visual dos locais, mas também transmite uma interpretação única sobre esses espaços, contribuindo para a preservação de seu valor cultural e histórico.

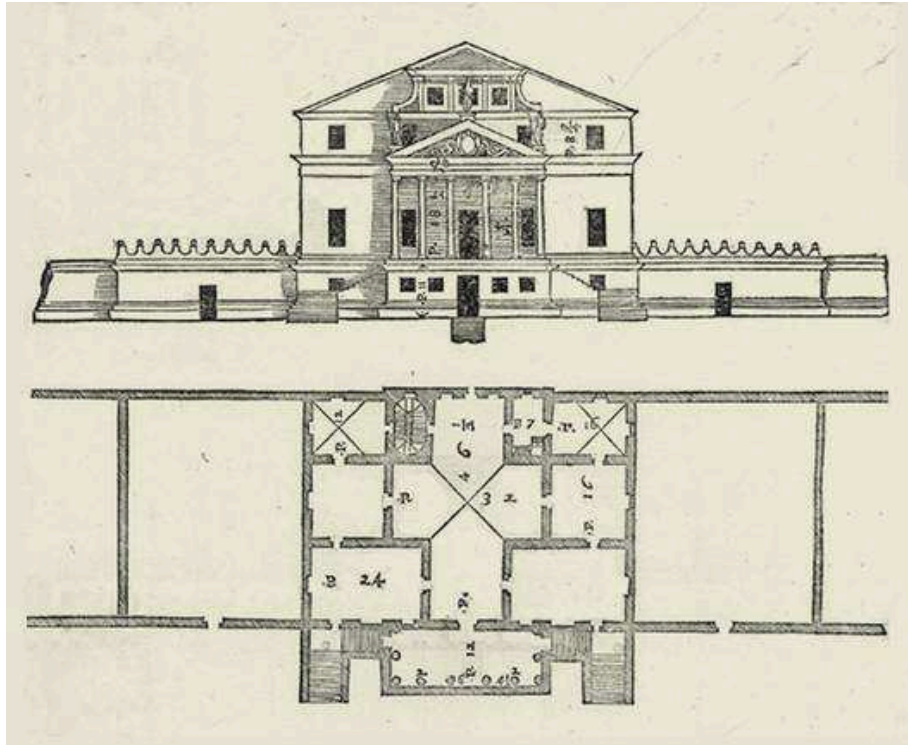
2.3 O Desenho como Ferramenta Documental na Restauração Arquitetônica

Tendo como premissa a importância do desenho na documentação da transformação dos espaços, é possível compreender como essa ferramenta gráfica é essencial para registrar e analisar as mudanças que ocorrem ao longo do tempo em ambientes construídos e espaços livres públicos. O desenho não é apenas uma representação estática de um momento no tempo, mas também um recurso dinâmico que permite acompanhar as alterações, intervenções e adaptações que moldam os espaços.

Lynch (1960) pontua que a imagem de uma cidade é construída sobre sua estrutura visual, e o desenho é uma das principais ferramentas para construir e entender essa imagem, logo, o mesmo desempenha um papel essencial na documentação de espaços, ao permitir registrar com precisão os detalhes arquitetônicos, estruturais e históricos de um local, sendo especialmente valioso em contextos onde o objetivo é preservar ou reinterpretar um patrimônio histórico, um espaço urbano ou uma edificação contemporânea.

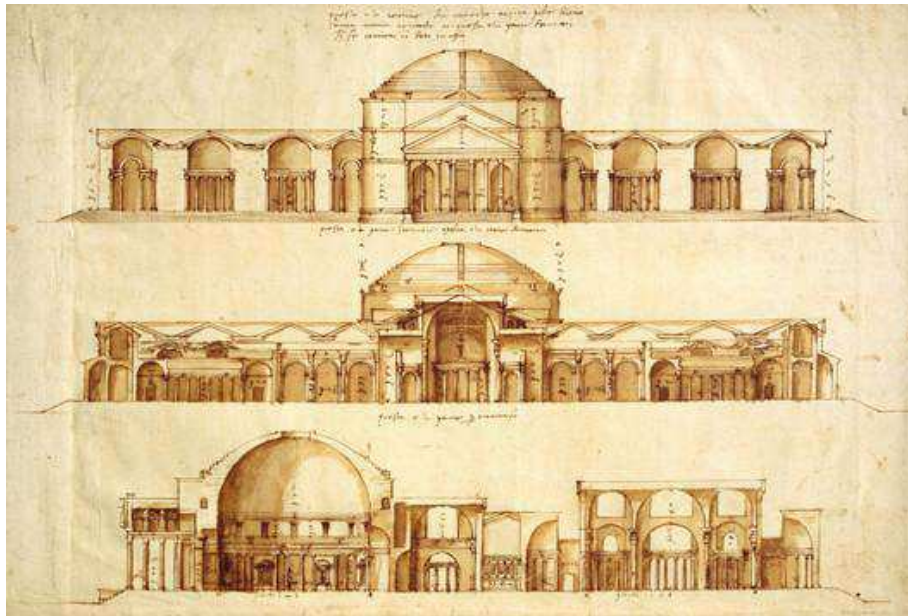
Nesse contexto, ao longo da história, o desenho assumiu um papel ainda mais significativo quando associado à restauração arquitetônica. Desde os primeiros registros gráficos de edifícios, arquitetos e artistas utilizavam o desenho para estudar e compreender estruturas existentes. No Renascimento, por exemplo, grandes mestres como Palladio (Figuras 05, 06 e 07) e Brunelleschi não apenas criavam projetos inovadores, mas também realizavam levantamentos detalhados de construções antigas, como templos romanos, para restaurá-los ou reinterpretá-los.

Figura 05: Villa Malcontenta, Andrea Palladio.



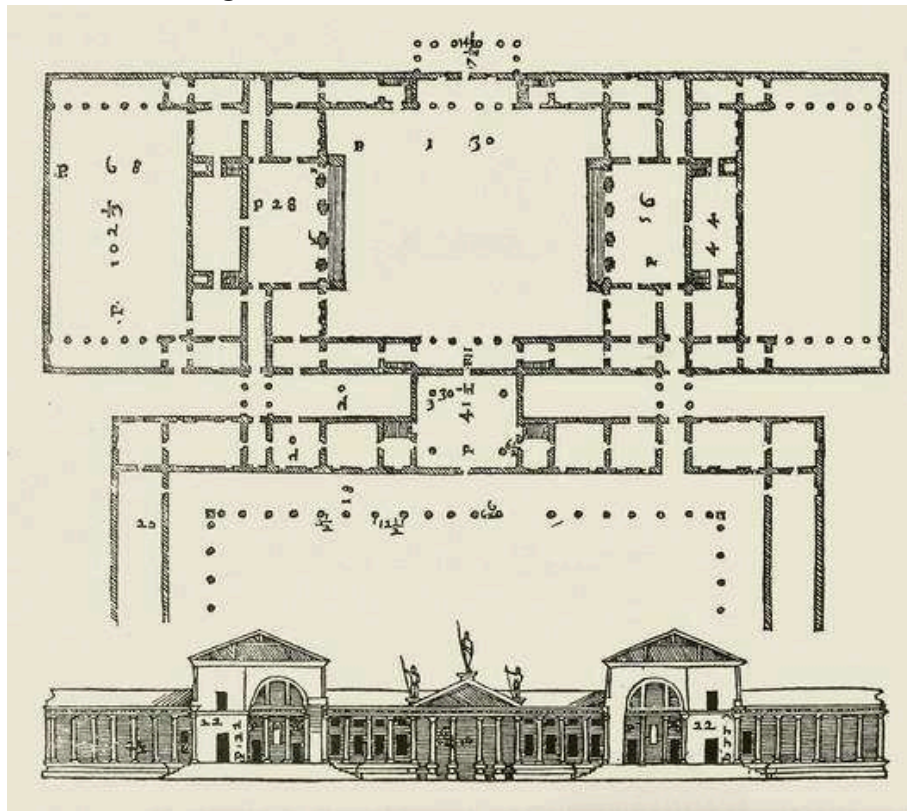
Fonte: Wittkower, 2015.

Figura 06: Desenhos de Andrea Palladio.



Fonte: Wittkower, 2015.

Figura 07: Villa Thiene, Andrea Palladio.

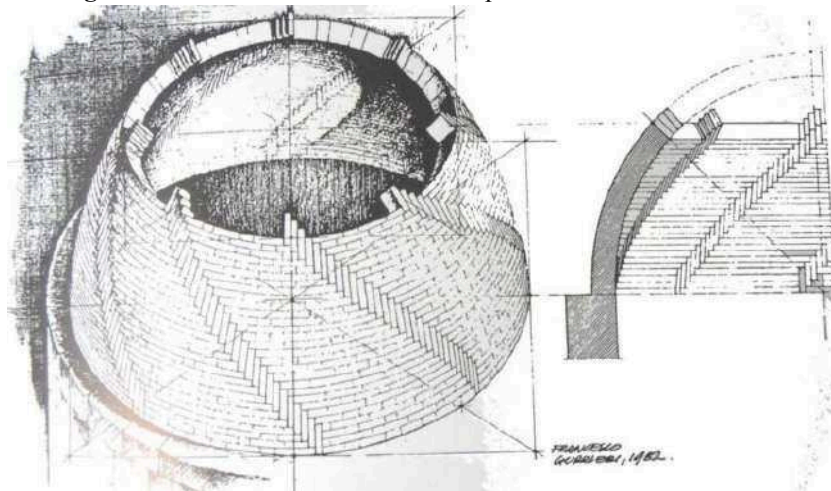


Fonte: Wittkower, 2015.

Os desenhos (Figuras 08 e 09) da estrutura da cúpula de Brunelleschi, criados para a Catedral de Santa Maria del Fiore, em Florença, são um marco histórico da documentação e do uso do desenho como ferramenta de análise e planejamento na arquitetura. Essa obra monumental enfrentou o desafio técnico de construir uma cúpula sem o uso de formas de madeira para sustentação durante a construção, algo inédito na época. Ele utilizou o desenho como instrumento essencial para documentar e comunicar as soluções inovadoras que desenvolveu, incluindo o padrão espinha de peixe (*herringbone*) para a disposição dos tijolos, que garantia estabilidade enquanto a cúpula era erguida.

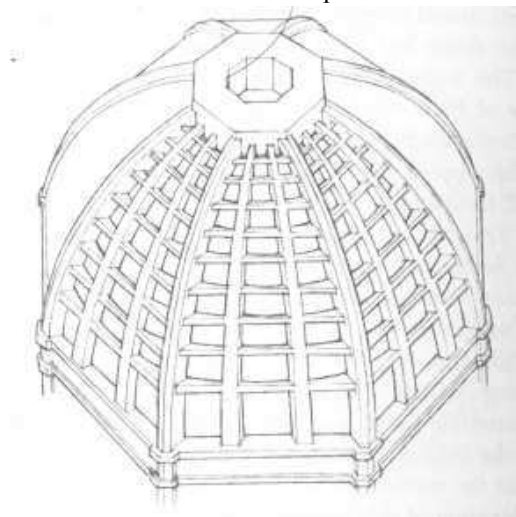
Dessa forma, os desenhos de Brunelleschi não eram apenas esboços artísticos, mas verdadeiros planos técnicos que detalharam a geometria, os materiais e as técnicas de construção. Eles incluíam cortes transversais e representações precisas das camadas interna e externa da cúpula, além dos sistemas de anéis de pedra e tijolo que conferem estabilidade à estrutura. A cúpula tornou-se uma referência não apenas por sua imponência, mas também pelo método de concepção, cuja documentação por meio do desenho consolidou sua importância histórica.

Figura 08: Desenhos da estrutura da cúpula de Brunelleschi.



Fonte: Reprodução Blog Pet Civil, 2018.

Figura 09: Desenhos da estrutura da cúpula de Brunelleschi.



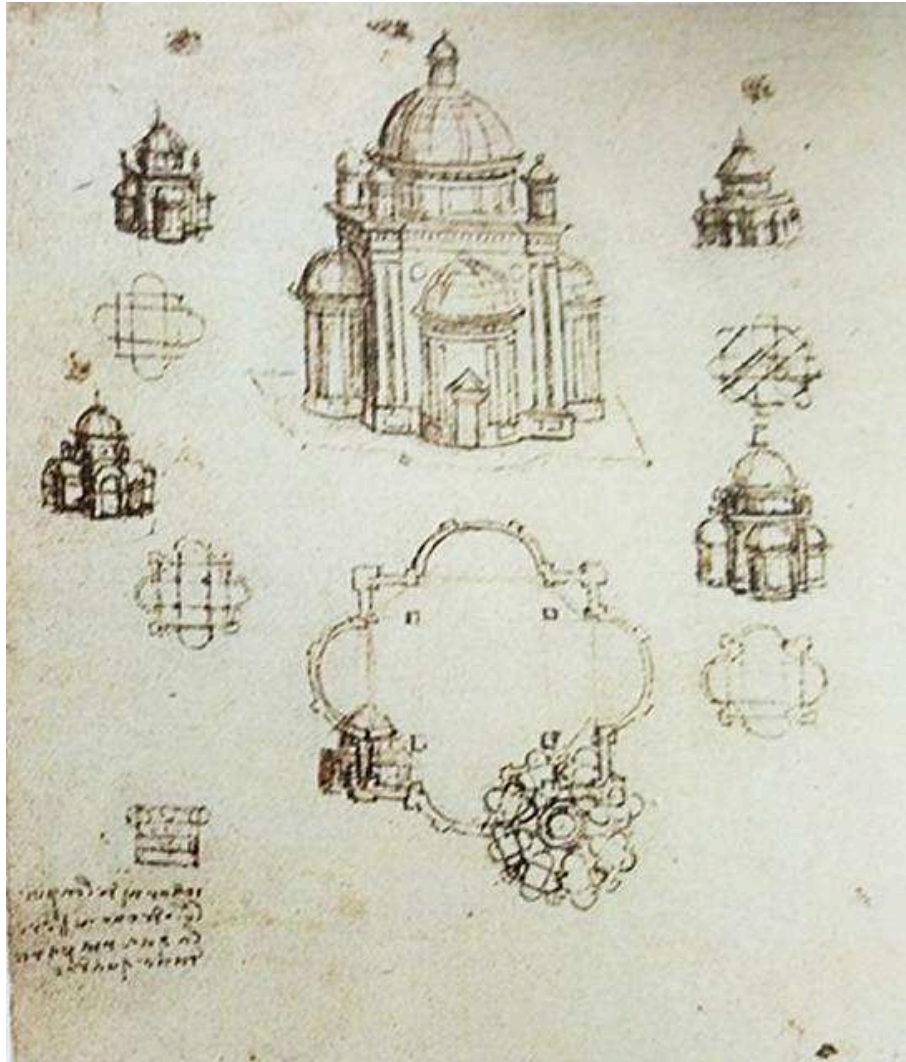
Fonte: Reprodução, site Laboratório de Mecânica Computacional, 2018.

Ademais, Leonardo da Vinci também usou o desenho como ferramenta de observação e documentação, criando representações detalhadas de cidades, edifícios, máquinas e anatomia humana. O Manuscrito B, coleção de suas notas e desenhos, contém um conjunto de desenhos realizados por Leonardo da Vinci por volta de 1488, período em que o mestre desenvolvia um projeto de igreja centralizada para a catedral de Milão. Esses desenhos originais estão preservados na Biblioteca do Instituto da França, em Paris.

O Manuscrito evidencia como Leonardo da Vinci utilizou os desenhos como uma forma essencial de documentar e explorar a arquitetura. Os esboços das igrejas de planta centralizada com várias cúpulas (Figura 10) não apenas ilustram suas ideias, mas também

servem como ferramentas visuais para registrar e transmitir conceitos arquitetônicos de maneira clara e detalhada.

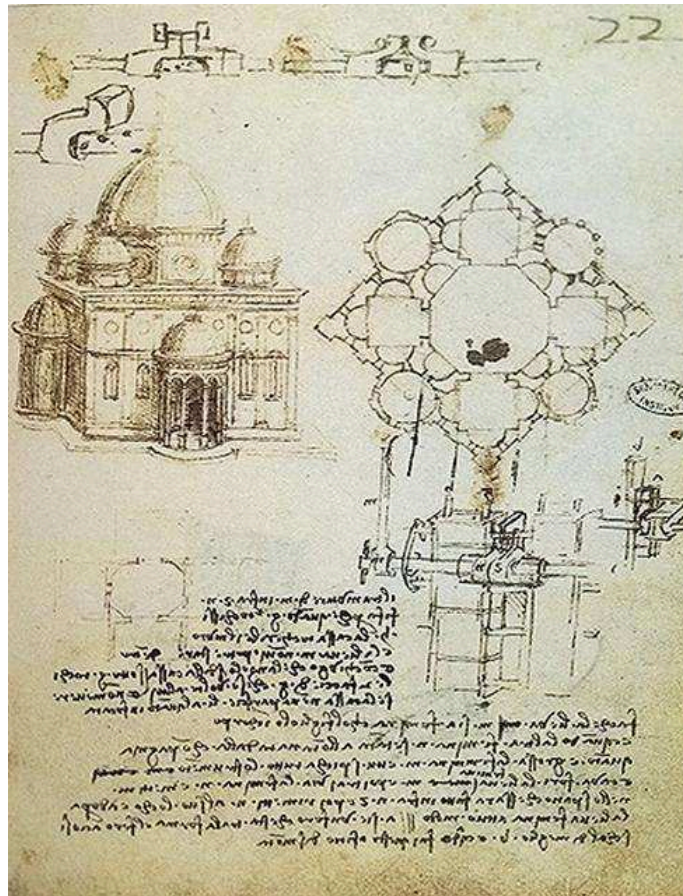
Figura 10: Desenho que demonstra alguns planos de Leonardo da Vinci para a nova cúpula para ser construída para a Catedral de Milão, Leonardo da Vinci, Biblioteca do Instituto da França, Paris.



Fonte: Imbroisi; Martins, 2020.

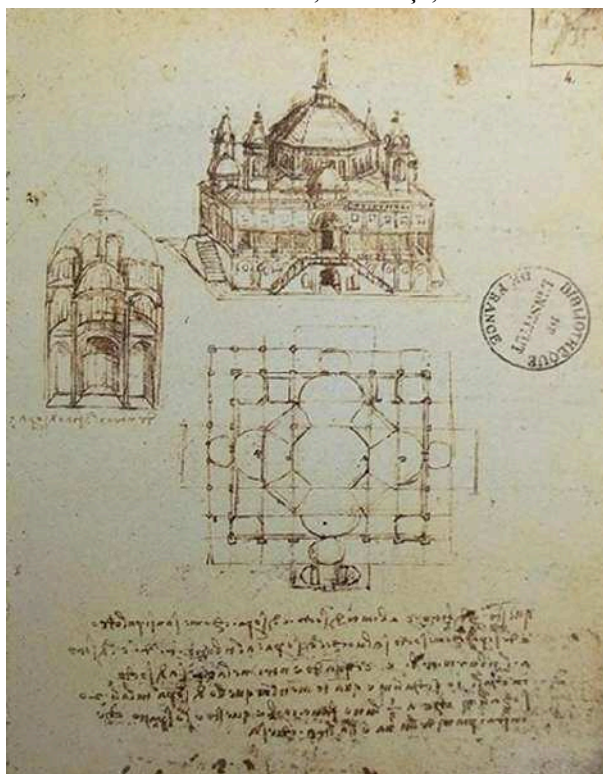
Ao combinar desenhos e textos (Figuras 11 e 12), Leonardo criava um registro que integrava imagem e palavra, permitindo uma compreensão abrangente de suas intenções. Portanto, esses registros não eram apenas representações gráficas, mas também reflexões sobre proporções, formas e funcionalidades, destacando o papel do desenho como um meio fundamental para a análise e desenvolvimento de projetos arquitetônicos.

Figura 11: Esboço de estudo de trabalhos internos dos projetos arquitetônicos de Leonardo da Vinci entre 1487 e 1490.



Fonte: Imbroisi; Martins, 2020.

Figura 12: Estudos para uma igreja de cúpula centralizada, Manuscrito B, 1480, 16 x 22 cm, Leonardo da Vinci, Biblioteca do Instituto, da França, Paris.



Fonte: Imbroisi; Martins, 2020.

Assim, o trabalho contido no Manuscrito B demonstra como os desenhos se tornaram uma linguagem universal na arquitetura renascentista, funcionando como um meio de preservar e comunicar as ideias inovadoras de Leonardo, alinhadas aos princípios clássicos da harmonia e da proporção. Com a evolução da prática, o desenho se consolidou como um elemento indispensável para a restauração arquitetônica, visto que permite a análise minuciosa do estado atual da edificação, o registro de intervenções ao longo do tempo e a projeção de soluções para preservar ou recuperar seu valor histórico e estético.

Brandi (2004), aponta que a restauração é o momento metodológico em que a obra de arte é reconhecida em sua fisicidade e sua dupla polaridade estética e histórica, logo, fundamentada em princípios como o mínimo de intervenção e o máximo de preservação, a restauração arquitetônica visa equilibrar a proteção do patrimônio com sua funcionalidade contemporânea, permitindo que ele continue a desempenhar um papel significativo na sociedade atual.

Para Boito (2003), arquiteto e restaurador, o trabalho com edifícios históricos deve ser fundamentado no uso de desenhos técnicos e registros fotográficos disponíveis. O autor enfatiza a preservação desses edifícios, evitando intervenções sempre que possível. Por isso, ele defende a necessidade de documentar detalhadamente as intervenções realizadas por meio

de desenhos técnicos, fotografias e gravações, assegurando um registro preciso das alterações no projeto, destacando a importância do desenho nesse processo.

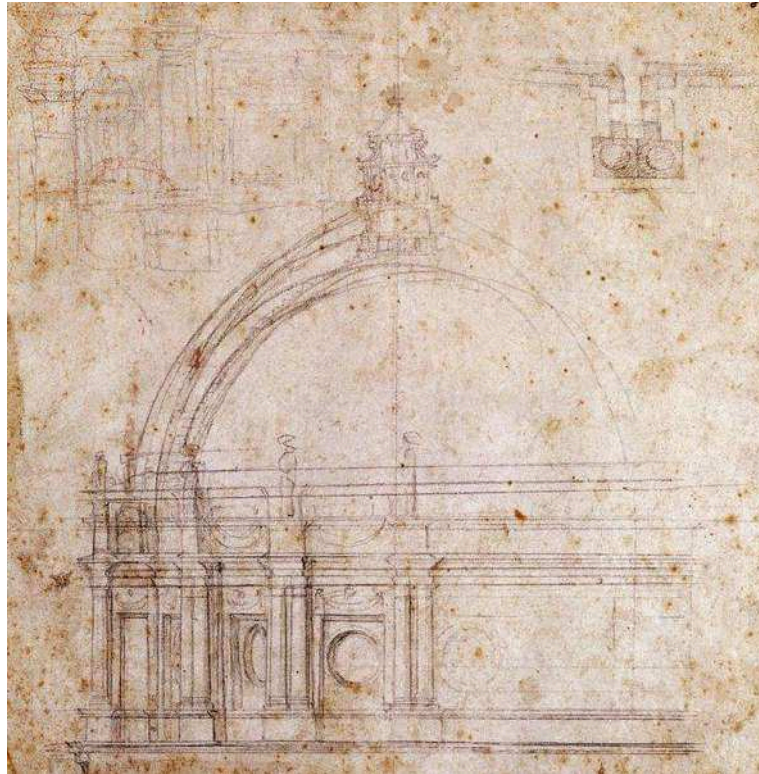
Já no século XIX, houve uma grande evolução no uso do desenho na restauração, com um enfoque em documentar as estruturas de maneira cada vez mais precisa. O uso de desenhos técnicos se expandiu com a invenção de novas técnicas de impressão e a maior disponibilidade de ferramentas de medição. Arquitetos começaram a utilizar plantas, cortes, elevações e perspectivas para registrar com precisão a condição de edificações históricas e propor soluções para sua conservação.

Ao longo deste século, surge como um defensor da preservação autêntica das edificações, Schutz (2022), crítico das abordagens de restauração que introduziram modificações significativas nas construções, destacando a importância de se manter a integridade e o caráter original dos edifícios. Ele argumentava que o trabalho de restauração deveria se limitar a conservar e reparar, e não a recriar elementos perdidos. Nesse contexto, o desenho se torna uma forma de respeito pelo original, permitindo uma intervenção minimamente invasiva.

Durante o século XX, as abordagens teóricas sobre preservação evoluíram, com o desenvolvimento de normas e diretrizes internacionais, como a Carta de Veneza, esta foi um marco fundamental, estabelecendo princípios de preservação de monumentos históricos e introduzindo a importância do desenho para garantir que as intervenções respeitassem o patrimônio original. O documento enfatizou que a restauração deve ser guiada por um profundo conhecimento das características históricas e artísticas do edifício, sendo os desenhos uma maneira fundamental de entender e preservar essas características.

Em se tratando na prática do uso do desenho na restauração arquitetônica, um exemplo notável é a Basílica de São Pedro, no Vaticano, durante a sua renovação, realizada sob o comando de Michelangelo e outros mestres, o uso de desenhos (Figuras 13 e 14) foi essencial para a coordenação dos trabalhos. A análise cuidadosa dos desenhos de Bramante e Michelangelo auxiliou na reintegração e no reforço da estrutura da igreja.

Figura 13: Desenhos de Michelangelo para a cúpula da Basílica de São Pedro no Vaticano, (1475-1564), Itália.



Fonte: Meisterdrucke, [s.d.].

Figura 14: Vista do desenho de Michelangelo para a fachada da Basílica de São Pedro, Roma, Itália (gravura).

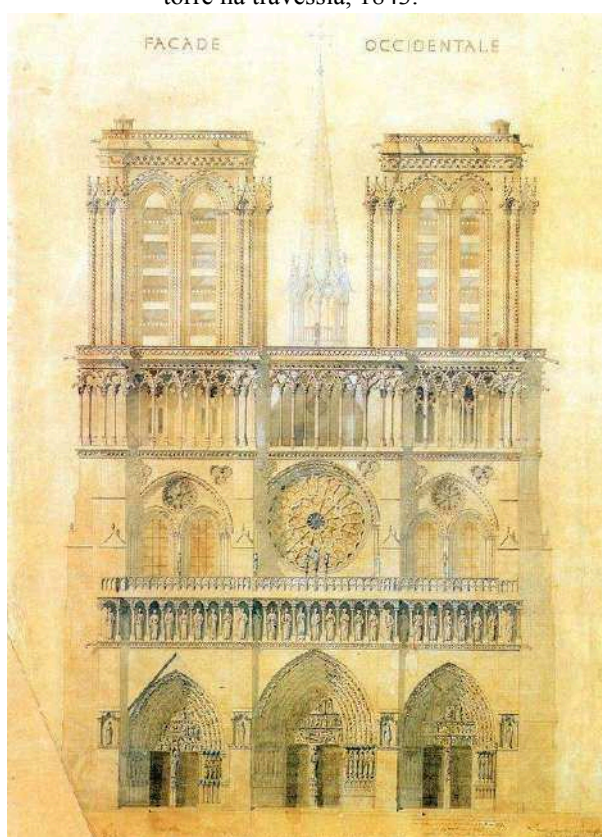


Fig. 181. Die Vorderansicht der Peterskirche nach Michelangelos Plan.

Fonte: Meisterdrucke, [s.d.].

Além da Basílica de São Pedro, diversos outros projetos históricos demonstram como o desenho foi essencial para garantir a continuidade e a integridade de monumentos emblemáticos. Um caso igualmente significativo é a Catedral de Notre-Dame de Paris, França. Após o incêndio de 2019, o uso de desenhos históricos (Figura 15) e gráficos foi fundamental para planejar a restauração. A documentação prévia da catedral, com desenhos feitos ao longo dos séculos, permitiu a preservação das partes originais e a execução de intervenções compatíveis.

Figura 15: Projeto de restauração da fachada oeste da catedral de Notre Dame em Paris com reconstrução da torre na travessia, 1843.



Fonte: Meisterdrucke, [s.d.].

No contexto recente, o desenho foi utilizado como uma poderosa metodologia para apresentar uma proposta de intervenção no âmbito do Projeto Reviver, criado em 1987 para cuidar da restauração do patrimônio arquitetônico e revitalização do Centro Histórico, região da Praia Grande, bairro mais antigo e tradicional da cidade de São Luís do Maranhão.

Andrés (2006), discorre como cada desenho ilustrou um cenário hipotético distinto, ambos carregados de simbolismo e impacto visual. O primeiro desenho (Figura 16) retrata de forma vívida e dramática os efeitos devastadores do descaso com o Centro Histórico, já o segundo (Figura 17) projetava um futuro ideal após sua completa recuperação.

Figura 16: Desenho utilizado para evidenciar junto ao poder decisório, a urgência da situação do Centro Histórico de São Luís, Maranhão.



Fonte: ANDRÉS, Luiz Phelipe, 1987.

Figura 17: Perspectiva para mostrar com a mesma finalidade da figura anterior, os benefícios da recuperação do Centro Histórico de São Luís, Maranhão.



Fonte: Fogaça, Edson José, 1987.

Essas duas representações, contrastantes e impactantes, serviram como ferramentas fundamentais para sensibilizar e engajar o público, evidenciando tanto os perigos do abandono quanto às possibilidades transformadoras da restauração. Por meio do desenho, o Projeto Reviver conseguiu traduzir ideias complexas em imagens eloquentes, capazes de despertar reflexões e promover ações concretas para a valorização do patrimônio histórico e cultural da região.

Dessa forma, o desenho, seja em sua forma técnica ou artística, representa um recurso fundamental no campo da restauração arquitetônica, desempenhando um papel indispensável na documentação e estudo das edificações.

3 O MOVIMENTO URBAN SKETCHING

3.1 História e Importância no Registro dos Espaços Urbanos

Em determinados momentos da história, surgem correntes ou tendências coletivas de expressão estética e criativa, os quais se denominam movimentos artísticos. Esses configuram-se como resposta a contextos culturais, sociais, políticos ou tecnológicos, em que reúnem artistas com ideias, princípios e preocupações semelhantes, compartilhando uma visão comum sobre a arte, sua função e seu papel na sociedade. Os movimentos podem abarcar diferentes formas de arte, como pintura, escultura, literatura, música, teatro, cinema, arquitetura e design.

Nos movimentos, há diferentes formas de expressão visual, auditiva ou tátil criadas por artistas para transmitir ideias, emoções, conceitos ou interpretações da realidade, as quais são chamadas de representações artísticas. Por meio dessas, são traduzidas percepções subjetivas ou objetivas em uma linguagem simbólica que comunica ao público uma mensagem ou sentimento; elas refletem a visão pessoal do artista e a interpretação de aspectos culturais, sociais, políticos e emocionais. Sendo assim, são veículos de expressão humana que transcendem as palavras, oferecendo novas formas de compreensão, reflexão e interação com o mundo ao nosso redor.

Em se tratando do desenho, Berger (1999) explora como imagens e representações visuais são formas de comunicação que ultrapassam as barreiras da linguagem verbal, reforçando a ideia do desenho como expressão de ideias e conceitos. Logo, constitui-se por um conjunto de métodos, técnicas e abordagens utilizadas na criação de representações gráficas, seja para fins artísticos, técnicos, arquitetônicos ou de design. Essas práticas variam conforme o contexto e o objetivo do mesmo, mas envolvem essencialmente a expressão visual de ideias, conceitos, objetos ou ambientes.

Além disso, Arnheim (1969) explora como o desenho atua como uma forma de pensamento não verbal, possibilitando a experimentação de formas e conceitos que são difíceis de expressar por palavras, argumentando que o desenho é uma prática que estimula a criatividade ao permitir a manipulação visual de ideias. Dessa forma, há também a exploração

criativa, na qual o desenho se torna uma prática de experimentação, permitindo ao criador testar novas formas de representar ideias ou resolver problemas visuais, tanto nas artes visuais quanto no design gráfico ou industrial.

Outro aspecto fundamental é a observação e interpretação, o qual envolve a captura de formas, volumes, luz e sombra de maneira precisa, especialmente no desenho de observação, como o *urban sketching*, uma prática de desenho de cenas urbanas a partir da observação direta.

Diante disso, em 2007, Campanário fundou uma comunidade no *Flickr*, chamando-a de *urban sketchers* e convidando indivíduos interessados em praticar ilustração ao ar livre e divulgar suas criações. No ano seguinte, o grupo já contava com trezentos integrantes, dessa forma, por meio do grupo, como o seu lema diz, os leitores puderam ver o mundo, um desenho de cada vez, a partir do compartilhamento de desenhos e suas respectivas histórias. O blog auxiliou na visibilidade da comunidade, inspirando aspirantes a artistas de todas as partes a esboçar o espírito do manifesto do movimento.

Gabriel Campanário, fundador do movimento, salientou em entrevista que a ideia para criar o movimento surgiu quando se mudou da Espanha para Seattle, em 2006, para se tornar um artista da equipe do *The Seattle Times*. Estando em uma cidade nova e desconhecida, Gabriel buscou maneiras de se identificar com a sua nova cidade, nesse sentido, percebeu a existência de vários blogs na internet, no qual muitas pessoas compartilhavam páginas de seus diários visuais, mostrando desenhos que haviam feito de suas próprias cidades.

Nesta pesquisa, a escolha do *urban sketching* como metodologia de documentação dos espaços livres públicos está profundamente conectado aos princípios do manifesto do movimento, os quais definem as intenções e os valores dessa prática artística. O primeiro princípio estabelece que os desenhistas trabalhem diretamente no local (Figuras 18 e 19), registrando tanto suas cidades quanto os lugares que visitam, isso coloca o ambiente urbano no centro da prática artística, permitindo capturar a essência dos espaços em tempo real e estabelecendo uma conexão íntima entre o artista e o local.

Figura 18: Encontro de Urban Sketching em Tauá, Ceará, Brasil.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.

Figura 19: Encontro de Urban Sketching na cidade de Salto, São Paulo, Brasil.

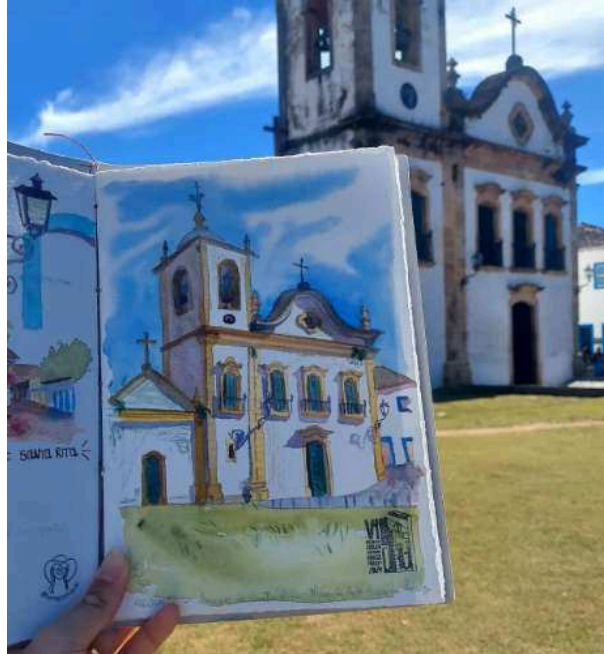


Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.

Além disso, os desenhos contam histórias sobre os arredores, destacando as transformações sociais, culturais e arquitetônicas, contribuindo para a preservação da memória urbana (Figuras 20 e 21). Muitas vezes, esses registros documentam espaços em

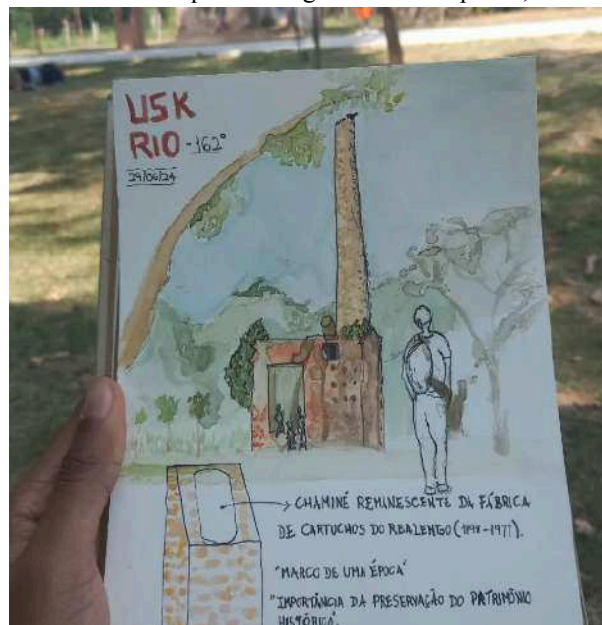
risco de desaparecimento ou em transição, tornando-se ferramentas valiosas de preservação cultural.

Figura 20: Desenho no Largo de Santa Rita do Museu de Arte Sacra de Paraty, Rio de Janeiro.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

Figura 21: Desenho do Parque Realengo Susana Naspolini, Rio de Janeiro.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.

Outro ponto fundamental do manifesto é o compromisso de registrar o tempo e o lugar de maneira autêntica. Mesmo que cada artista tenha seu próprio estilo, os *urban sketchers* priorizam a fidelidade às cenas que observam. Essa autenticidade transforma o desenho em uma ferramenta confiável de documentação, a qual vai além da forma física dos edifícios e

ruas para capturar também as atmosferas e interações humanas (Figura 22) . A diversidade de técnicas e estilos individuais (Figuras 23, 24 e 25), valorizada pelo manifesto, permite que os desenhos ofereçam interpretações únicas, destacando não apenas a estrutura física dos lugares, mas também suas histórias e emoções.

Figura 22: Desenho da Praça da Sé, em Salvador, Bahia.



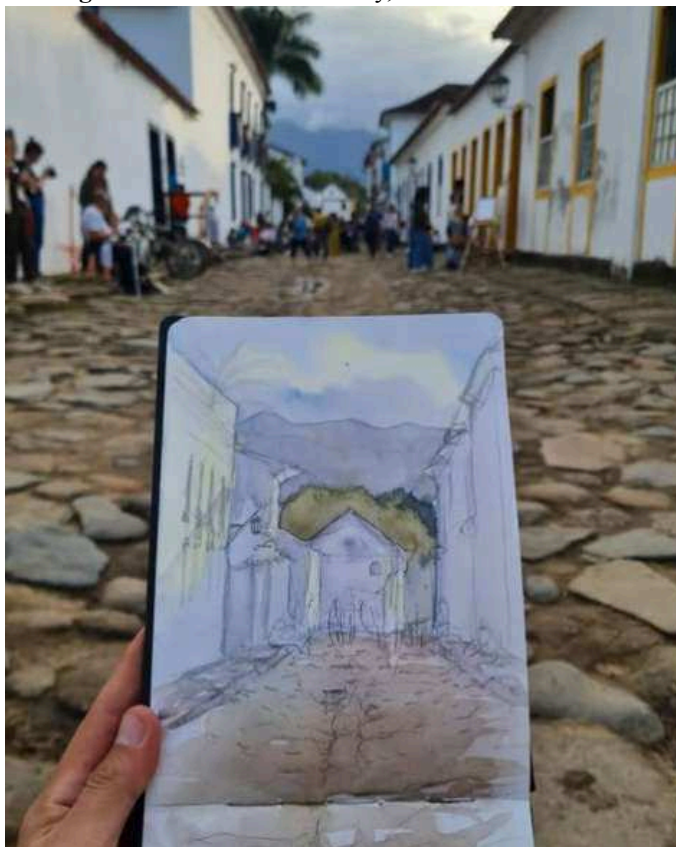
Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.

Figura 23: Desenho da Igreja de Santa Rita, em Paraty, Rio de Janeiro.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

Figura 24: Desenho em Paraty, Rio de Janeiro.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

Figura 25: Desenho em Gramado, Rio Grande do Sul, na @festurisgramado.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

O manifesto também promove a colaboração entre os desenhistas e a interação com as comunidades locais, visto que, ao desenharem em grupo, criam um intercâmbio cultural que fortalece a compreensão e a valorização dos espaços urbanos. Essa interação social transforma o ato de desenhar em uma experiência comunitária (Figuras 26, 27 e 28), conectando pessoas ao ambiente que habitam ou visitam. Além disso, a prática de compartilhar os desenhos online amplia o alcance do movimento, permitindo que pessoas em todo o mundo conheçam e valorizem os registros feitos por artistas de diferentes culturas. Isso transforma a prática em uma ferramenta global para a preservação e celebração da diversidade urbana.

Figura 26: Encontro de urban sketchers em Paraty, Rio de Janeiro.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

Figura 27: Encontro de urban sketchers em Sorriso, Mato Grosso.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

Figura 28: Encontro de urban sketchers em Paraty, Rio de Janeiro.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

O princípio final do manifesto, o qual enfatiza “mostrar o mundo, um desenho de cada vez”, resume a essência do movimento, uma vez que, a prática do *urban sketching* transcende o simples ato de desenhar, tornando-se um método dinâmico e acessível de documentar as cidades e preservar suas memórias. Assim, alinhado ao manifesto, o *urban sketching* se consolida como um dos movimentos mais relevantes para o entendimento e a valorização das cidades no mundo contemporâneo. Ao aplicá-lo na prática, a documentação visual se torna não apenas um registro estético, mas também um meio de capturar e refletir as dinâmicas sociais, culturais e históricas dos espaços livres públicos.

Como evidência, observa-se o registro de uma tarde no Mercado de San Telmo, em Buenos Aires, (Figura 29), ao participar desse cenário vibrante, o autor compartilha suas impressões, “sendo atravessado por afetos, sons, sabores, cheiros, texturas, cores, luzes, conversas e, sobretudo, pela vida acontecendo e por um caos encantador [...]”. Essa experiência coletiva de exploração e interação com o ambiente e as pessoas define um movimento que vai além do físico; representa também uma troca cultural e sensorial.

Figura 29: Desenho no mercado San Telmo, Buenos Aires.

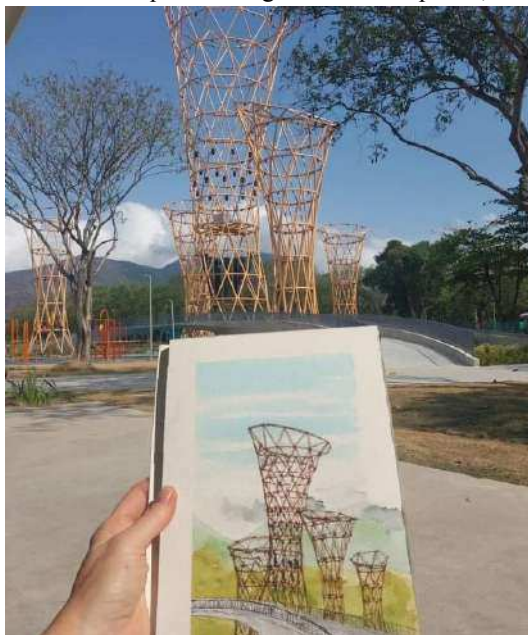


Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

Nesse contexto, é possível transmitir, por meio do desenho, a vivacidade e a energia de um espaço urbano, cada traço e sombreamento aplicado pelo artista torna-se uma interpretação visual do ambiente, permitindo que o observador experimente, de forma única,

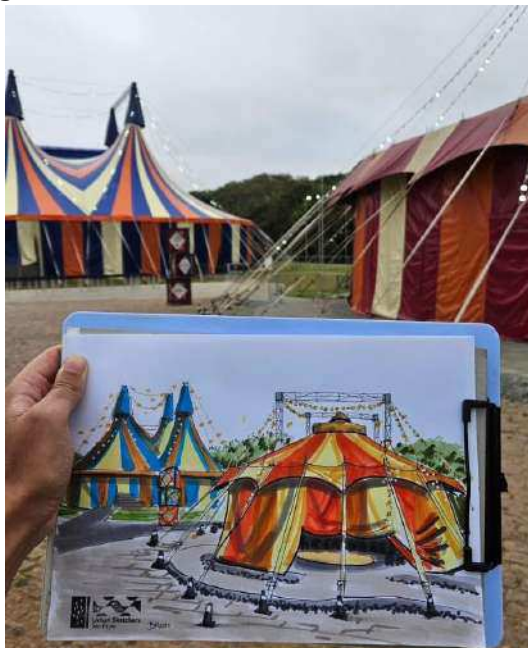
as texturas, o movimento e a vida que caracterizam o espaço retratado. A técnica não se limita à representação literal dos cenários urbanos, ao contrário, ela se propõe a evocar as emoções e a dinâmica observadas no momento do registro, como a escolha de usar marcadores e canetas em nanquim para ressaltar a vivacidade do espaço (Figuras 30, 31 e 32).

Figura 30: Desenho do Parque Realengo Susana Napolini, Rio de Janeiro.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

Figura 31: Sketch no “O Mundo do Circo”, São Paulo.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

Figura 32: Desenho da Praça Dom José Gaspar, São Paulo.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.

Para mais, desenhar no local (Figuras 33, 34 e 35) permite que o artista se conecte profundamente com o ambiente, ajustando o traço conforme as mudanças na luz, nas sombras ou na movimentação das pessoas. No *urban sketching*, essa espontaneidade é valorizada, com um estilo que não busca perfeição técnica, mas sim capturar a essência do que está sendo visto e sentido, muitas vezes com a adição de pequenas anotações sobre o local.

Figura 33: Desenhando na Praça da Lagoa da Jansen, São Luís, Maranhão.



Fonte: Autoral, 2024.

Figura 34: Desenhando na Praça da Matriz, Alcântara, Maranhão.



Fonte: Autoral, 2020.

Figura 35: Desenhando no Pavilhão Japonês, Parque Ibirapuera, São Paulo.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.

Logo, constituindo-se como uma prática de desenho que consiste em registrar cenas do cotidiano urbano, capturando a essência e o dinamismo dos locais visitados, muitas pessoas que praticam essa técnica não se limitam apenas ao esboço visual; seus desenhos são complementados com anotações acerca dos lugares, o que torna cada registro mais completo e pessoal (Figuras 36, 37 e 38).

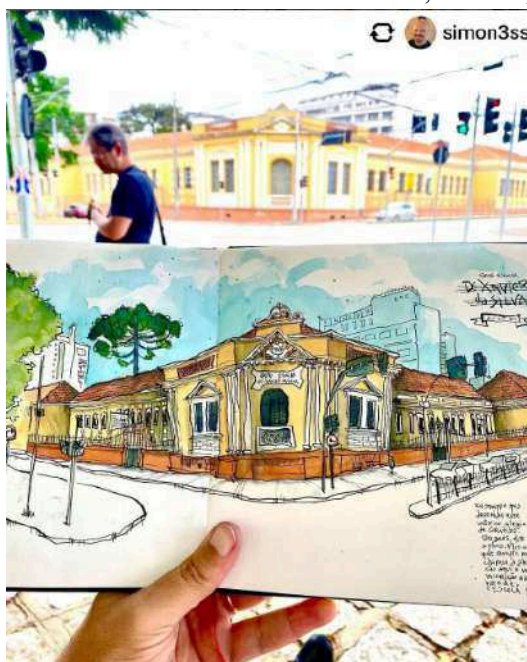
Esse diálogo entre imagem e texto enriquece a narrativa visual, transformando o *sketchbook* em um diário gráfico, o qual carrega não apenas a representação estética, mas também o contexto e as impressões subjetivas de quem desenha. Assim, torna-se uma forma íntima e única de documentação, unindo arte e memória por meio do olhar atento e da escrita espontânea.

Figura 36: Desenho da fachada da Fábrica Santa Amélia, São Luís, Maranhão.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

Figura 37: Desenho da Escola Dr Xavier da Silva, Curitiba, Paraná.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.¹

Figura 38: Desenho das ruas de Copacabana, Rio de Janeiro.



Fonte: @urban_sketchers_brasil, 2024.

Valgas (2019), destaca que a cidade, enquanto objeto de representação, tem sido um tema recorrente para muitos artistas ao longo da história.

Na pintura, Ambrogio Lorenzetti foi o primeiro a tratar a cidade como tema, pintando entre 1337 e 1340 os painéis —Alegoria do Bom Governol, —Vida na Cidade. Os Efeitos do Bom Governol, —Alegoria do Mau Governol, entre outros que representavam a cidade de Siena, na Itália. Desde então, a pintura de paisagens urbanas, assim como a própria cidade, foram ganhando terreno (Valgas, 2019, p. 220-221).

Para Bajzek (2019), ao se dedicar em desenhos no meio urbano, é possível desenvolver habilidades como: perceber cada detalhe do local e do entorno e redescobrir a cidade em que se vive. Isso leva a uma maior atenção ao contexto urbano, buscando a “beleza ou a singularidade”, e favorece o contato com as pessoas nas ruas, despertando nelas o interesse pelo desenho, pela arquitetura e pela paisagem urbana.

Desenhar a cidade é envolver se nela. É participar de maneira ativa do seu cotidiano, não através das janelas do carro, mas do olhar atento, paciente e amigável. Do registro sincero e íntimo. Desenhar a cidade é redescobri-la, em cada esquina, em cada singela fachada. É participar de sua história como um observador que, encantado, a vê em sua ínfima parte e, ao mesmo tempo, em sua magnífica totalidade (Bajzek, 2019, p. 146).

Em resumo, a metodologia de documentação dos espaços livres públicos por meio do *urban sketching* permite capturar tanto os aspectos tangíveis quanto intangíveis,

envolvendo a comunidade no processo participativo e complementando outras formas de documentação. Esta abordagem rica e multifacetada garante uma pesquisa não só documental, mas também contribui significativamente para a compreensão dos espaços estudados.

3.2 O Grupo *Urban Sketchers* São Luís (USK-SLZ)

Tendo como premissa a origem do *urban sketching* por meio de associações virtuais, como os blogs no *Flickr*, existem os coletivos regionais, o USK São Luís/MA (*Urban Sketchers* São Luís) o qual se concretiza como um exemplo destes, são comunidades as quais desejam conhecer, desenhar e compartilhar, promovendo a missão e o manifesto do movimento.

O *Urban Sketchers* (Figura 39) São Luís teve sua fundação no ano de 2012, dentre a casualidade de um encontro não oficializado em uma exposição e pelo contato via redes sociais entre Regina Borba, freelancer ilustradora e designer, e Társis Aires, gravador e *urban sketcher*, os quais já desenhavam pelas ruas. O primeiro encontro se concretizou em vinte e um de abril de 2012, no emblemático Palácio dos Leões, local de fundação da cidade de São Luís.

Figura 39: Grupo *Urban Sketchers*, São Luís.



Fonte: Sketchers Do Brasil - São Luís, 2016.

a banalização da relação com esse patrimônio atualmente, promovendo uma maior conexão entre os moradores e os espaços em que vivem, repletos de significados históricos e culturais.

Ao desenhar pela cidade de São Luís, possibilita-se explorar vários locais, como os três municípios insulares, Paço do Lumiar, São José de Ribamar e Raposa, em que a percepção acerca do território amplia-se além do Centro Histórico, criando conexões mais profundas com as diversas paisagens e os habitantes locais.

Ao transitar por esses espaços, percebemos haver muito mais a ser visto e vivido do que geralmente se destaca nos roteiros turísticos, desta forma percebe-se a essência do *urban sketching*, no registro da beleza e significado dessas áreas, muitas vezes esquecidas ou invisibilizadas pela rotina agitada.

A cidade de São Luís, quando vista através dos registros de *urban sketching*, permite a construção de diversas versões desse espaço urbano, uma vez que cada desenho oferece uma interpretação única da cidade, seja por meio de uma paleta de cores vibrante que destaca sua vida e diversidade (Figuras 41 e 42), por meio do contraste em preto e branco, que revisita os jogos de luz e sombra (Figura 43), pelas formas e a estrutura da arquitetura, pelos traços rápidos que capturam a efemeridade do momento (Figura 44) ou em traços mais concisos que detalham minuciosamente os elementos da paisagem urbana (Figura 45).

Figura 41: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.



Fonte: Sketchers Do Brasil - São Luís, 2016.

Figura 42: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.



Fonte: Sketchers Do Brasil - São Luís, 2016.

Figura 43: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.



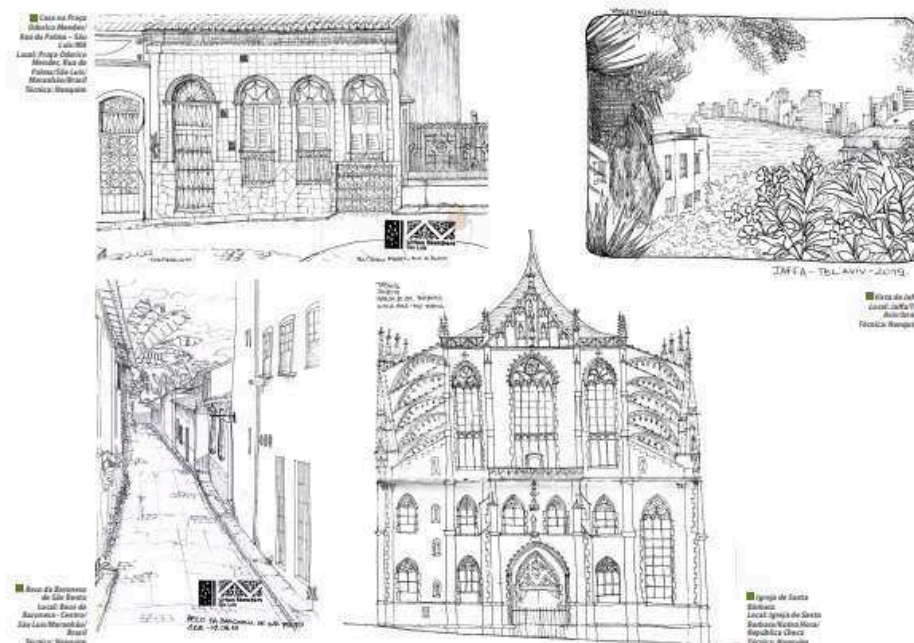
Fonte: Sketchers Do Brasil - São Luís, 2016.

Figura 44: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.



Fonte: Sketchers Do Brasil - São Luís, 2016.

Figura 45: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.



Fonte: Sketchers Do Brasil - São Luís, 2016.

Além disso, o *urban sketching* consegue representar a cidade de formas que vão além da simples observação. Em certos registros, a presença de pedestres ou de movimentação intensa transmite a vitalidade do local (Figura 46), enquanto em outros, a ausência de pessoas cria uma atmosfera de vazio e introspecção, sugerindo momentos de pausa ou de transformação da cidade. Logo, cada uma dessas representações é uma janela para um aspecto distinto de São Luís.

Figura 46: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.



Fonte: Sketchers Do Brasil - São Luís, 2016.

Outro ponto significativo é a possibilidade de destacar os detalhes que passam muitas vezes despercebidos no ritmo acelerado da vida cotidiana (Figura 47).

Figura 47: Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.



Fonte: Sketchers Do Brasil - São Luís, 2016.

O lema “Ver o mundo de cada vez”, amplamente associado ao movimento, propõe uma abordagem de observação atenta e imersiva do mundo ao nosso redor, destacando a importância de desacelerar, perceber os detalhes e captar a essência de um lugar ou momento específico (Figura 48), portanto, a ideia remete à singularidade de cada local, cena ou

situação, ao invés de passar pelos espaços de maneira apressada, incentiva-se uma pausa intencional para absorver o ambiente e retratá-lo com sensibilidade, valorizando as nuances que tornam cada cenário especial (Figura 49).

Nesse contexto, cada autor interpreta o mundo de forma única, transformando o ato de desenhar em algo que vai além da mera reprodução visual, dado que, os registros gráficos são narrativas pessoais e artísticas que revelam não apenas o lugar retratado, mas também as emoções e o estilo do observador.

Ao desenhar, são construídas memórias, criando um vínculo emocional com o lugar. Portanto, cada desenho se torna um fragmento de lembrança, carregando detalhes, sons e até interações vividas durante o processo de observação e registro (Figura 50). Cada local, por mais comum que pareça, tem histórias para contar e características únicas que merecem ser exploradas e registradas, como esperar desenhando em um simples estacionamento (Figura 51).

Figura 48: Desenhos na cidade de São Luís, Maranhão, Praça João Lisboa.



Fonte: Autoral, 2024.

Figura 49: Desenho na cidade de São Luís, Maranhão, Praça Pantheon.



Fonte: Autoral, 2024.

Figura 50: Desenho na cidade de São Luís, Maranhão, Festa de São Marçal.



Fonte: Autoral, 2024.

Figura 51: Desenho da cidade de São Luís, Maranhão, Estacionamento do Camino Supermercados.



Fonte: Autoral, 2024.

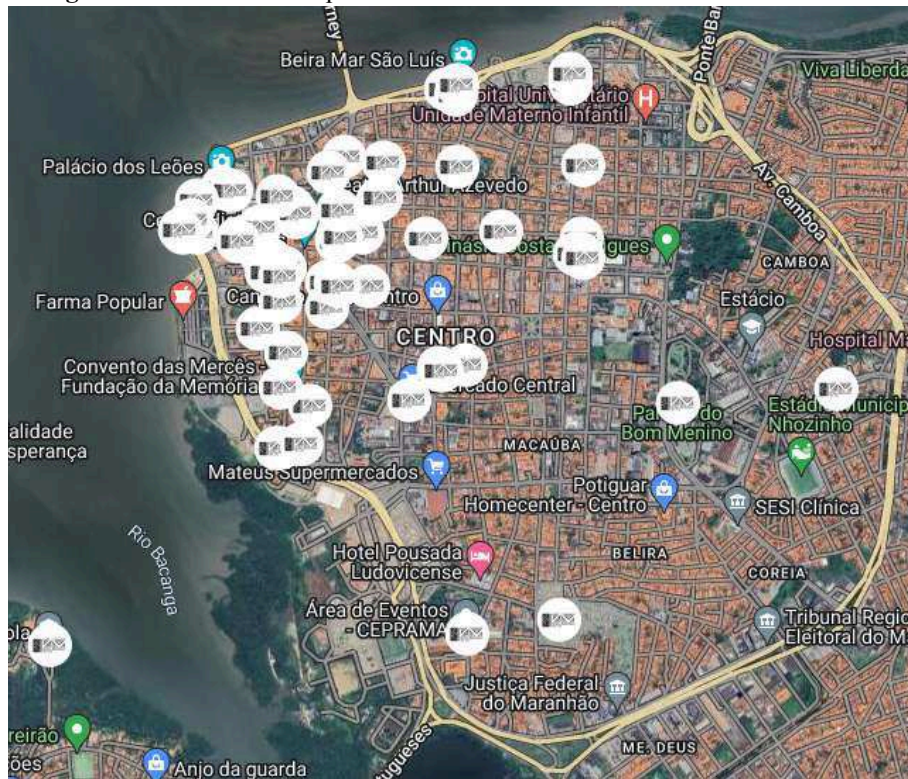
3.3 Os Espaços Livres Públicos de São Luís por Meio do Urban Sketching

O crescimento de São Luís foi inicialmente lento, no entanto, entre 1951 e 1996, a cidade experimentou uma rápida expansão a qual refletiu mudanças socioeconômicas e culturais, com a introdução de novos valores, como a busca por modernidade e a mudança nos hábitos urbanos, ocasionando perdas de alguns elementos culturais tradicionais e o surgimento de novos comportamentos. Tendo em vista este fato, temos o registro como elemento essencial para a identidade de um lugar, visto que, são fundamentais para entender as mudanças e o futuro de uma cidade.

O chamado Centro Histórico de São Luís, apresenta cerca de oito quilômetros quadrados de extensão, apresentando imóveis de arquitetura tradicional luso-brasileira, erguidos principalmente nos séculos XVIII e XIX. Desse modo, sendo o palco da maioria dos encontros de *urban sketchers*, (Figura 52) o Centro Histórico de São Luís representa uma rica combinação de história, cultura e arquitetura, elementos essenciais que inspiram os artistas. O mesmo é frequentemente o local onde se encontra o patrimônio mais significativo de uma cidade, com edifícios antigos, praças e ruas que refletem o passado e a evolução da comunidade ao longo do tempo, dessa forma, esses locais oferecem uma variedade de

elementos visuais, como fachadas, monumentos, detalhes arquitetônicos e cenas urbanas cotidianas.

Figura 52: Recorte do Mapa com os Encontros dos Urban Sketchers São Luís.



Fonte: Google My Maps - Táris Aires, 2023.

Ademais, a preservação e valorização do patrimônio nesses centros urbanos é um tema relevante, e muitos, ao desenharem esses espaços, contribuem para a documentação visual histórica da cidade. Assim, os encontros de *urban sketching* no Centro Histórico promovem tanto a apreciação artística, quanto a conscientização sobre a importância da preservação desses lugares.

A ameaça devido à modernização, negligência ou desenvolvimento desenfreado tornam os desenhos em registros históricos que capturam um momento específico no tempo, muitas vezes com mais sensibilidade e autenticidade. Assim, os encontros não são apenas uma escolha prática, mas uma forma de valorizar, compreender e preservar a essência cultural e histórica das cidades.

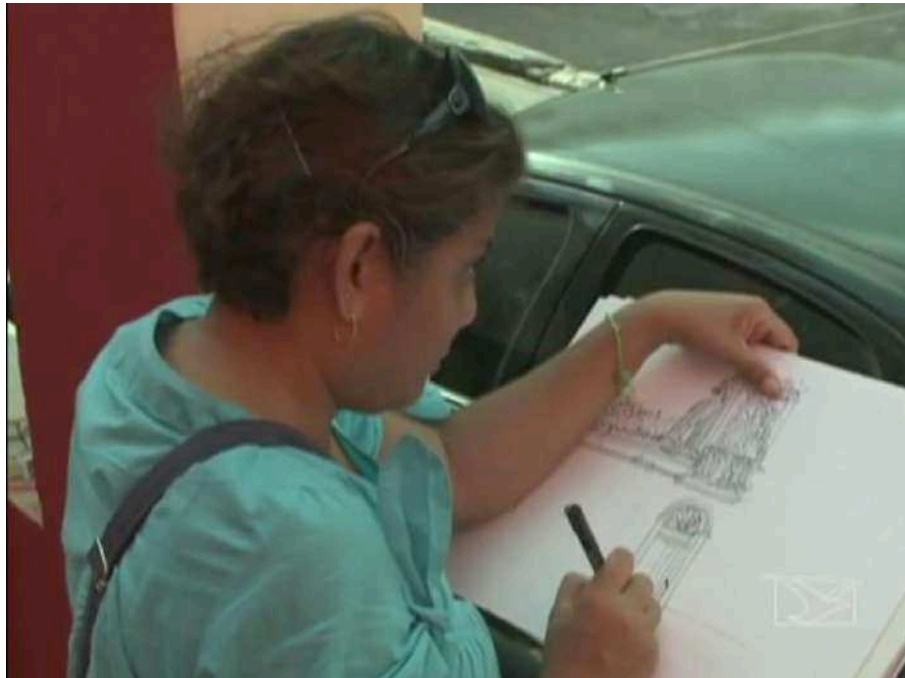
Por meio dos desenhos, é possível lembrar e apresentar aos outros, aspectos da cidade que, ao longo do tempo, já não se comportam da mesma maneira, assim como revelar espaços que deixaram de existir ou que sofreram transformações significativas. Essa visibilidade e resgate de memórias urbanas podem ocorrer de diversas maneiras, uma vez que cada indivíduo traz consigo um olhar único sobre a cidade. Nesse processo, é fundamental

que o observador se aventure tanto pelo espaço construído, com suas edificações e infraestruturas, quanto pelo espaço não construído, composto pelos vazios urbanos, as paisagens naturais e as relações informais entre os habitantes e o ambiente.

Logo, a documentação por meio do desenho pode assumir um caráter combativo e crítico, como demonstrado no encontro-protesto realizado em 2014 pelo grupo *Urban Sketchers* São Luís. A ação ocorreu para denunciar o estado de abandono do casarão onde viveu Aluísio Azevedo, autor de obras clássicas como “O Mulato” e “Casa de Pensão”. O imóvel, localizado no centro histórico de São Luís, estava depredado e ameaçava ser transformado em estacionamento. Por meio de desenhos (Figuras 53, 54 e 55) que retratavam a arquitetura do casarão, o grupo buscou não apenas registrar visualmente o patrimônio, mas também sensibilizar a população e as autoridades sobre a importância de preservá-lo.

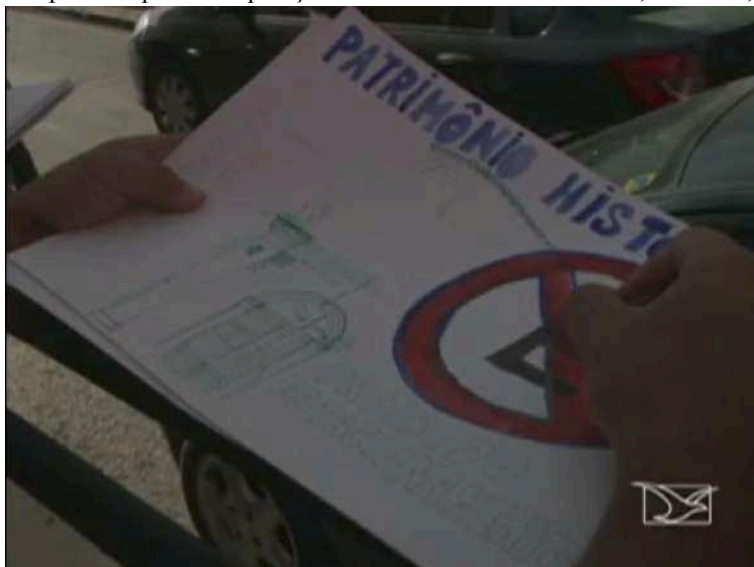
Nesse contexto, o desenho funcionou como uma ferramenta de denúncia, imortalizando o casarão em seu estado de decadência enquanto clamava pela sua restauração. Ele não apenas registrou um momento específico no tempo, mas também convidou o público a refletir sobre o papel da sociedade na proteção do patrimônio cultural.

Figura 53: Encontro-protesto pela Recuperação da Casa de Aluísio Azevedo, São Luís, Maranhão.



Fonte: TV Mirante, 2014.

Figura 54: Encontro-protesto pela Recuperação da Casa de Aluísio Azevedo, São Luís, Maranhão.



Fonte: TV Mirante, 2014.

Figura 55: Encontro-protesto pela Recuperação da Casa de Aluísio Azevedo, São Luís, Maranhão.



Fonte: TV Mirante, 2014.

Diferente do tom crítico da exposição anterior, a exposição “Urbanos”, realizada em 2015 na Galeria Trapiche Santo Ângelo, adotou uma abordagem mais celebrativa, focando na beleza e na complexidade da cidade. A mostra, realizada de 1º a 22 de outubro, reuniu obras (Figuras 56 e 57) em que os artistas registraram ruas, praças e edifícios emblemáticos, oferecendo ao público uma visão multifacetada da vida urbana. Essa documentação artística contribuiu para valorizar o espaço urbano e aproximar a população de sua própria cidade. Por meio do desenho, foi possível destacar elementos que passam muitas vezes despercebidos, convidando o observador a redescobrir São Luís com um olhar mais atento e sensível.

Figura 56: Exposição Urbanos, Galeria Trapiche, São Luís, Maranhão.



Fonte: Társis Aires, 2015.

Figura 57: Exposição Urbanos, Galeria Trapiche, São Luís, Maranhão.



Fonte: Társis Aires, 2015.

Em se tratando de uma escala menor, o bairro Cajueiro foi o foco da exposição Cajueiro – Fazer Memória Vida, realizada em 2016 no Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Essa iniciativa utilizou o desenho como meio de documentar e valorizar as características culturais e históricas de uma comunidade que enfrenta o risco de desaparecer em meio às transformações urbanas.

Por meio dos registros artísticos, a exposição destacou o cotidiano, as tradições e os espaços do bairro Cajueiro, oferecendo visibilidade a uma área que geralmente é ignorada tanto pela sociedade quanto pelo poder público. O desenho (Figuras 58, 59, 60 e 61), nesse caso, tornou-se uma ferramenta de resgate cultural, capturando elementos como paisagens naturais e o modo de vida local. Essa documentação não apenas preservou memórias de um

espaço em transformação, mas também chamou a atenção para a necessidade de políticas públicas que protejam essas comunidades e suas histórias.

Figura 58: Exposição Cajueiro - Fazer Memória Vida, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.



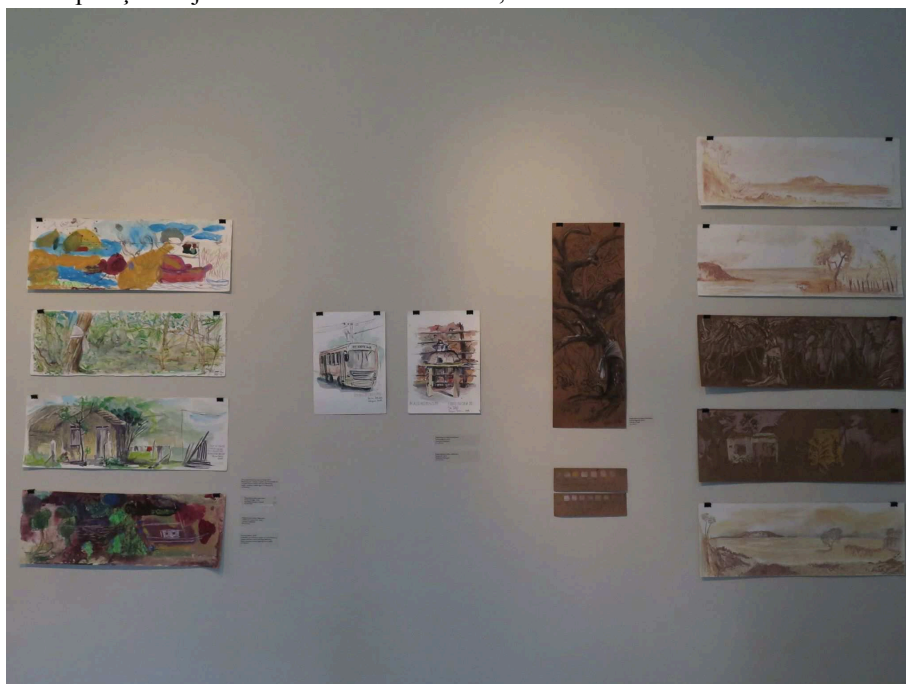
Fonte: Autor Desconhecido, 2016.

Figura 59: Exposição Cajueiro - Fazer Memória Vida, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.



Fonte: Regina Borba, 2016.

Figura 60: Exposição Cajueiro - Fazer Memória Vida, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.



Fonte: Acervo de Táris Aires, 2016.

Figura 61: Comunidade do Cajueiro, Maranhão.



Fonte: Acervo de Táris Aires, 2016.

No mesmo contexto de valorizar outros caminhos e espaços da cidade de São Luís, a exposição “Caminho Grande: A Primeira Cidade”, realizada em 2017 como parte da 11ª Primavera de Museus, focou na documentação de um trajeto histórico que conecta a Rua Grande ao bairro do Anil. Esse caminho, conhecido como “Caminho Grande”, possui um papel fundamental na formação histórica de São Luís, mas muitas vezes é esquecido em narrativas mais amplas sobre a cidade.

Os artistas participantes utilizaram desenhos (Figuras 62), fotografias (Figuras 63) e montagens para explorar as mudanças ocorridas ao longo desse percurso. A exposição destacou contrastes entre o passado e o presente, combinando imagens históricas com representações contemporâneas. Dessa forma, por meio do desenho, os artistas resgataram a memória desse trajeto, ao mesmo tempo, em que documentaram as transformações urbanas que o redefiniram. Essa abordagem evidenciou a importância de reinterpretar espaços históricos, revelando suas múltiplas camadas de significado.

Figura 62: Exposição “Caminho Grande: A Primeira Cidade”, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.



Fonte: TV Assembleia Maranhão, 2017.

Figura 63: Exposição “Caminho Grande: A Primeira Cidade”, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.



Fonte: TV Assembleia Maranhão, 2017.

A partir disso, em se tratando da documentação das transformações urbanas, Reylton Rosa Reis contribuiu com a fotomontagem (Figura 64) a qual combinou fotos antigas e atuais da antiga Fábrica Rio Anil, apresentando contrastes entre as duas épocas. Ao reinterpretar o

“Caminho Grande”, os artistas ofereceram ao público uma oportunidade de redescobrir e valorizar esse percurso significativo na formação da cidade.

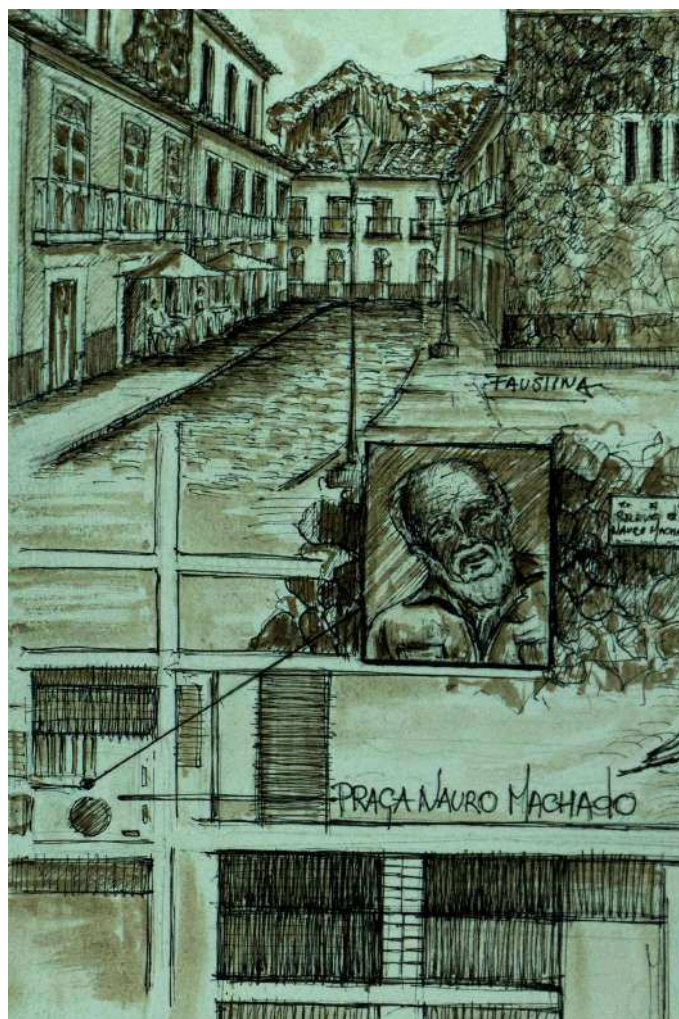
Figura 64: Exposição “Caminho Grande: A Primeira Cidade”, Museu Histórico e Artístico do Maranhão.



Fonte: TV Assembleia Maranhão, 2017.

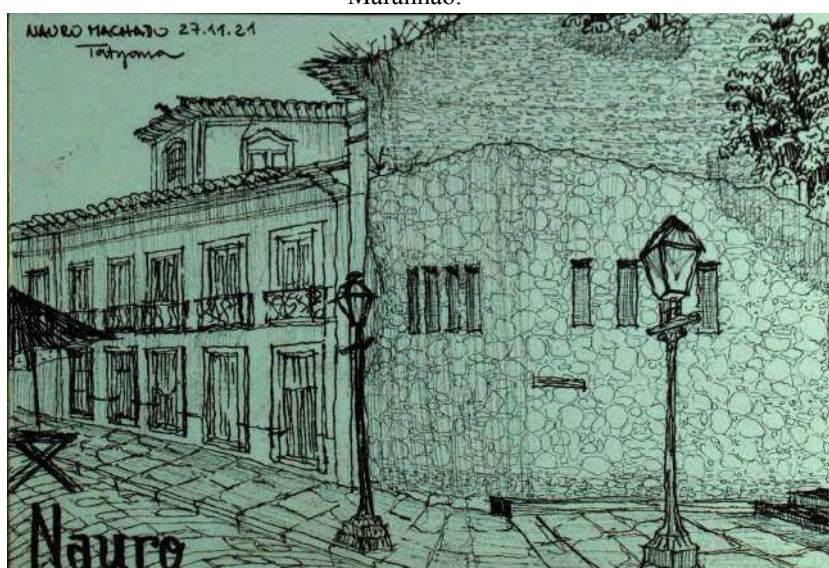
Em um cenário mais recente, com a mesma proposta, a exposição Palimpsestos Urbanus – (Re)escrituras Poéticas de São Luís, realizada em 2022 no Museu de Artes Visuais (MAV) de São Luís, trouxe um olhar poético e crítico sobre São Luís, utilizando o conceito de palimpsesto² para simbolizar as contínuas transformações da cidade. Os artistas reinterpretam diferentes aspectos da cidade, desde suas ruas e edifícios históricos até suas contradições sociais e culturais. Por meio do desenho, foram criadas obras (Figuras 65, 66, 67, 68, 69 e 70) que convidam o público a refletir sobre a identidade urbana e as camadas de memória que compõem São Luís. A exposição demonstrou como o desenho pode transcender a mera representação visual, transformando-se em um meio de análise e crítica sobre a dinâmica urbana.

Figura 65: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.



Fonte: Almir Valente, 2022.

Figura 66: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.



Fonte: Tatyana, 2021.

Figura 67: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.



Fonte: Luiz Diniz, 2022.

Figura 68: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.



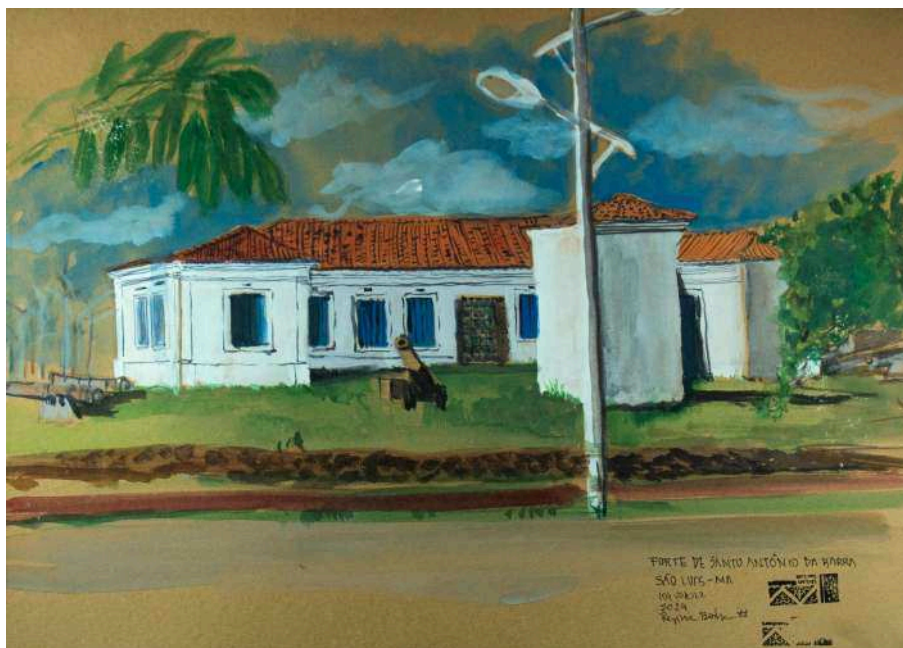
Fonte: Almir Valente, 2022.

Figura 69: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.



Fonte: Almir Valente, 2022.

Figura 70: Palimpsestos Urbanus - (Re)escrituras poéticas de São Luís, Museu de Artes Visuais - São Luís, Maranhão.



Fonte: Regina Borba, 2024.

Por fim, em 2024, o Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA) celebrou seus 211 anos de instalação com uma exposição especial que integrou obras de seu acervo e criações do grupo *Urban Sketchers*. A mostra, intitulada “Exposição 211 Anos”, foi inaugurada em quatro de novembro de 2024 e a exposição foi montada no Salão Nobre e nos corredores do andar térreo do prédio-sede do TJMA, localizado na Praça Pedro II, Centro de São Luís.

O projeto “Tribunal em Linhas” apresentou trabalhos (Figuras 71, 72, 73 e 74) do movimento de desenhistas que registram cenas urbanas in loco. O presidente do TJMA, desembargador Froz Sobrinho, destacou que a exposição proporcionou à comunidade maranhense a oportunidade de conhecer o acervo e a história do Tribunal de Justiça, aproximando o Judiciário da população, logo, por meio de desenhos realizados, a exposição não apenas retratou a arquitetura do edifício, mas também explorou sua relevância histórica e cultural.

Figura 71: Exposição 211 Anos, Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA).



Fonte: Jailton Nogueira, 2024.

Figura 72: Exposição 211 Anos, Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA).



Fonte: Ricardo Bogéa, 2024.

Figura 73: Exposição 211 Anos, Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA).



Fonte: Matheus Silva, 2024.

Figura 74: Exposição 211 Anos, Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA).



Fonte: Will Barros, 2024.

Ademais, a iniciativa foi amplamente elogiada por promover o acesso do público a um patrimônio cultural significativo, permitindo que tanto moradores locais quanto turistas apreciem a arte e a história presentes no TJMA. Os artistas envolvidos capturaram mais do que formas e proporções arquitetônicas; eles registraram a alma e a dinâmica do lugar, seja

por meio de sua diversidade cultural, dos detalhes da paisagem ou de momentos que revelam a introspecção de seus habitantes.

Além disso, a escolha de usar o *urban sketching* como meio de celebração sublinha a importância de valorizar linguagens artísticas contemporâneas como uma ponte para conectar a história com novas gerações. É um exemplo inspirador de como instituições públicas podem abrir suas portas à arte e, simultaneamente, fortalecer a preservação da memória urbana e a promoção cultural.

Cada uma das mostras mencionadas apresenta uma abordagem singular para documentar a cidade. Em 2014, o desenho serviu como um instrumento de denúncia, eternizando o casarão em sua condição de degradação enquanto reivindicava sua recuperação. Em 2015, a representação artística auxiliou a enaltecer o espaço urbano e a estreitar os laços da população com sua própria cidade. Já em 2016, o desenho se tornou um meio de resgate e valorização cultural de uma comunidade invisibilizada. Em 2017, os artistas utilizaram o desenho para recuperar a memória do Caminho Grande, ao mesmo tempo, em que registravam as mudanças urbanas que o redefiniram. Em 2022, a mostra evidenciou como o desenho pode ir além da simples representação visual, tornando-se um instrumento de reflexão e crítica sobre as dinâmicas da cidade. Finalmente, em 2024, a exposição ofereceu à comunidade maranhense a chance de conhecer o acervo e a trajetória do Tribunal de Justiça por meio da arte.

Em suma, as exposições artísticas mostram o poder transformador da arte como ferramenta de documentação e reflexão sobre o espaço urbano. Mais do que simples celebrações visuais, esses eventos capturam as mudanças e transformações que moldam as cidades ao longo do tempo. O desenho e sua capacidade de documentar, preservar e refletir sobre os espaços urbanos assumem um papel vital para a cidade de São Luís, especialmente em um contexto de constante transformação. Cada uma das exposições mencionadas traz uma contribuição única para a cidade, revelando como o desenho pode servir de ferramenta poderosa para documentar espaços, resgatando memórias, destacando problemáticas, apresentando transformações urbanas, preservando identidades culturais e estimulando reflexões sobre o presente e o futuro urbano.

4 URBAN SKETCHING EM SÃO LUÍS: A PRAÇA PANTHEON E A RELEVÂNCIA DA DOCUMENTAÇÃO ATRAVÉS DO DESENHO

4.1 Análise e Importância dos Registros de *Urban Sketching* da Praça Pantheon

Com o objetivo final de investigar a prática do *urban sketching* como instrumento para a documentação dos espaços livres públicos de São Luís, Maranhão, no dia 18 de janeiro de 2025, às 9h da manhã, realizou-se um encontro (Figura 75) de desenho colaborativo com o grupo *Urban Sketchers* São Luís, visando registrar e documentar um fragmento da cidade de São Luís sob a ótica de seus participantes e inferir sua relevância para o espaço livre público.

A iniciativa teve como cenário a “Praça Deodoro”, termo popular que se refere ao Complexo Deodoro, composto pelas praças Deodoro e Pantheon (Figura 76), na qual se concentrou o ponto de encontro e pelas alamedas Silva Maia e Gomes de Castro. Esse conjunto de espaços públicos, localizado no Centro de São Luís, é um dos mais emblemáticos e desempenha papel fundamental na história e na dinâmica cotidiana da cidade.

Figura 75: Pôster de Divulgação do Encontro de Desenho.



Fonte: Autoral, 2025.

Figura 76: Vista Aérea da Praça do Pantheon.



Fonte: Soares, 2018.

O Complexo Deodoro possui uma trajetória histórica rica e significativa, sendo tradicionalmente um ponto de encontro para eventos políticos, culturais e sociais que contribuíram para a formação da identidade de São Luís. Durante décadas, esse espaço foi palco de importantes mobilizações populares e mesmo com as diversas transformações urbanas ao longo do tempo, o complexo preserva seu caráter simbólico, permanecendo um local de centralidade e memória para a cidade.

A escolha da Praça Pantheon como cenário para o encontro de desenho refletiu a intenção de valorizar e documentar a cidade não apenas do ponto de vista arquitetônico, mas também por meio da interpretação dos próprios cidadãos, visto que cada obra produzida durante o evento constituiu uma perspectiva única, capturando não apenas a forma física do local, mas também sua essência. Nesse sentido, o registro artístico de espaços livres públicos como a Praça Pantheon contribui para um entendimento mais profundo da cidade e de seus múltiplos significados, ao mesmo tempo, em que reforça a conexão com a história local. O encontro contou inicialmente com uma explicação inicial (Figuras 77) acerca de seu objetivo e de como a prática do *urban sketching* se comporta frente a documentação dos espaços.

Figura 77: Foto do encontro de desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Autoral, 2025.

Inicialmente, os participantes foram orientados a buscarem um ponto de vista a ser registrado, abarcando diferentes aspectos do espaço, como a arquitetura, vegetação e elementos naturais, além de ser concedido um tempo para a realização dos desenhos, qualquer que fosse. Ao final de aproximadamente 50 minutos, foram reunidos os desenhos para explorar a percepção dos participantes da oficina sobre os espaços livres públicos por meio do *urban sketching*, reforçando como a prática pode criar estimular reflexões acerca da cidade.

Acerca do encontro, foi realizado em condições climáticas adversas (Figuras 78 e 79), marcadas por fortes chuvas, uma característica sazonal predominante nos primeiros seis meses do ano em São Luís. Esse fator revelou a influência significativa das condições climáticas sobre a dinâmica do mesmo, que resultou na ausência de muitos participantes previamente interessados.

Contudo, apesar da redução no número de registros, os presentes, demonstraram grande resiliência, adaptando-se à situação, uma vez que a produção dos desenhos ocorreu sob a parte coberta da entrada da Biblioteca Pública Benedito Leite, onde os participantes enfrentaram respingos de chuva enquanto permaneciam de pé (Figuras 80, 81 e 82), uma vez que não havia a possibilidade de sentar sobre as superfícies molhadas do piso e escadas. Além disso, normalmente, nos encontros, os participantes são incentivados a explorar livremente o espaço público em busca de diferentes ângulos e vistas, contudo, a chuva centralizou os registros, o que gerou resultados únicos, evidenciando como um mesmo local pode ser retratado de formas distintas por diferentes olhares.

Figura 78: Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Autoral, 2025.

Figura 79: Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Autoral, 2025.

Figura 80: Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Autoral, 2025.

Figura 81: Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Compilado Autoral, 2025.

Figura 82: Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Compilado Autoral, 2025.

O público presente (Figura 83) consistiu em indivíduos de diferentes faixas etárias e níveis de familiaridade com o desenho. Entre eles, havia tanto participantes experientes no movimento quanto pessoas que se aventuravam pela primeira vez. Nesse contexto, o evento possibilitou a criação de registros a partir de perspectivas variadas, ainda que todos compartilhassem o mesmo ponto de partida: a entrada da biblioteca.

Segundo Dewey (1983), a arte é como um processo contínuo e integrado à vida cotidiana, enfatizando que a experiência estética não está restrita às obras de arte formais, mas deve ser compreendida como uma experiência sensível que ocorre quando o espectador interage com o objeto artístico, ele argumenta que a arte não é uma atividade isolada, mas uma forma de comunicação que envolve tanto o artista quanto o público, em um processo dinâmico e interativo. A obra sublinha que a experiência estética acontece no “aqui e agora”, sendo um fenômeno que engloba o físico, o emocional e o intelectual. Por meio da arte, é possível acessar o passado de uma sociedade, enquanto ela também constrói e redefine os caminhos para o futuro.

A vista disso, os desenhos produzidos contribuem como testemunhos visuais da vida urbana, visto que, a prática contínua permite uma documentação histórica, rica e diversificada, a qual vai além das fotografias e descrições textuais tradicionais.

Figura 83: Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Autoral, 2025.

Adiante, após a finalização dos desenhos, procedeu-se com o registro fotográfico de todos os trabalhos realizados. Uma participante, de forma voluntária, destacou seu desenho para a captura posterior, enquanto os demais registros foram fotografados diretamente no local. Adicionalmente, apresenta-se abaixo, uma postagem elaborada por um dos participantes.

O primeiro desenho (Figura 84) registrou um recorte da Praça do Pantheon visto por entre as colunas da Biblioteca Pública Benedito Leite, oferecendo uma composição que integra elementos arquitetônicos e paisagísticos do espaço. O segundo desenho (Figura 85) também retratou a Praça do Pantheon sob a mesma perspectiva, mas com uma abordagem distinta nos traços: enquanto o primeiro apresenta um estilo mais livre e fluido, o segundo adota linhas mais retílineas e estruturadas, evidenciando a diversidade de técnicas entre os participantes.

Figura 84: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Vanessa Silveira, 2025.

Figura 85: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Hadassa Garreto, 2025.

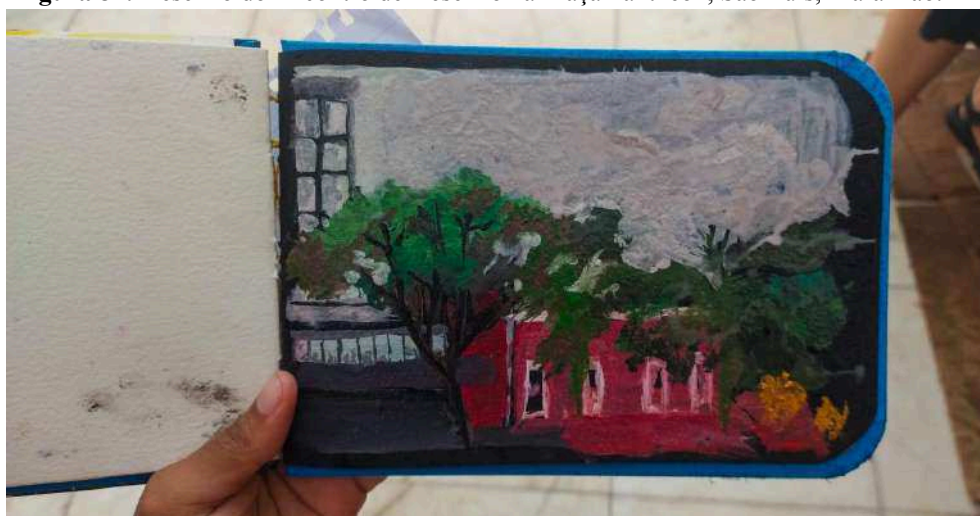
O terceiro desenho (Figura 86) capturou a cena de um dos participantes no ato de desenhar, embora não se trate de um registro direto da cidade, esse trabalho documenta a dinâmica do momento e a interação dos participantes com o espaço. O quarto desenho (Figura 87) focou em uma vista detalhada de um casarão comercial localizado nas proximidades da praça, destacando o valor arquitetônico do entorno.

Figura 86: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Regina Borba, 2025.

Figura 87: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Társis Aires, 2025.

O quinto desenho (Figura 88) apresenta um recorte mais amplo e focado da Praça do Pantheon, enfatizando aspectos paisagísticos do espaço e seu mobiliário urbano. Já o sexto desenho (Figura 89) incorporou não apenas elementos da praça, mas também fragmentos da vida cotidiana observada durante o evento, como a passagem de um cachorro, conferindo vivacidade à cena registrada.

Figura 88: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Autoral, 2025.

Figura 89: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Bianca Melo, 2025.

Por fim, o sexto e o sétimo desenhos (Figuras 90 e 91) voltaram-se para composições que enquadram a praça a partir das colunas da entrada da biblioteca e do local onde os

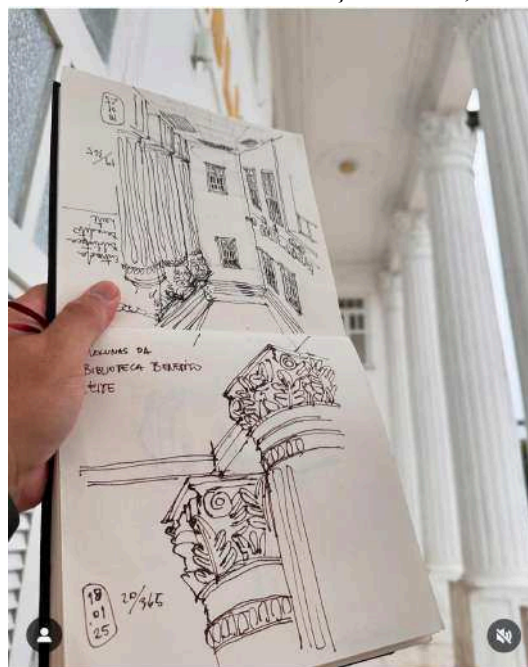
participantes buscaram abrigo contra a chuva, integrando elementos do espaço público e das circunstâncias em que a atividade ocorreu.

Figura 90: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: @jotabnc, 2025.

Figura 91: Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: @jotabnc, 2025.

Além do aspecto artístico, o encontro fomentou reflexões sobre a cidade sob a

perspectiva do período chuvoso, como a presença de caminhantes na praça e a carência de estruturas públicas de proteção. Logo, no momento de diálogo ao final do encontro, por meio do exercício de registro do espaço, os participantes enfatizaram a relevância de planejar espaços públicos que estejam mais preparados para as diversas condições climáticas características de São Luís, tanto durante o período de chuvas intensas como em períodos de altas temperaturas.

Ademais, o encontro também permitiu observar os diferentes modos de apropriação e uso dos espaços. Inicialmente, a Biblioteca Pública Benedito Leite não foi concebida para funcionar como abrigo, mas, diante das condições climáticas adversas, assumiu essa função de maneira espontânea. Esse fato reforça a importância de refletir sobre o planejamento e a adaptação de espaços livres públicos, atentando para a inserção de mobiliários e equipamentos de grande e médio porte.

Ainda nesse contexto, importa ressaltar que durante o encontro, a atenção dedicada a elementos como mobiliário urbano, paginação de piso e vegetação ganha uma importância notável, consolidando a proposta de registrar aspectos específicos e, muitas vezes, negligenciados do espaço urbano.

O mobiliário urbano, por exemplo, como bancos, postes, lixeiras, abrigos de ônibus e sinalizações, possibilitam revelar a funcionalidade e a organização de um local. Os desenhos que enfocam esses objetos transcendem a estética, funcionando como registros da interação entre o ambiente construído e as pessoas que o utilizam. Em locais modernos, esses elementos oferecem um vislumbre das soluções contemporâneas para questões de convivência e sustentabilidade.

Quanto ao registro da pavimentação, a paginação de piso é outro aspecto frequentemente explorado. Esses detalhes, como mosaicos, paralelepípedos, ladrilhos hidráulicos ou pavimentos de concreto, não são apenas ornamentais, mas também refletem escolhas urbanísticas que dialogam com o clima, a acessibilidade e a narrativa estética da área.

Enquanto a vegetação, por sua vez, insere organicidade ao espaço urbano e adquire protagonismo por simbolizar o diálogo entre o natural e o construído. Árvores, canteiros, trepadeiras ou até mesmo ervas espontâneas nas frestas das calçadas são desenhadas com um olhar atento que destaca sua importância na composição do espaço livre público. Esses elementos verdes também proporcionam reflexões sobre a relação da comunidade com o meio ambiente e as estratégias de arborização adotadas para mitigar os impactos da urbanização.

Além dessas características mais convencionais, nos encontros, frequentemente exploram detalhes como a textura das fachadas, as sombras projetadas pela arquitetura ou até mesmo objetos deixados temporariamente no espaço público, como bicicletas encostadas ou cadeiras de cafés. Ao observar e desenhar esses itens, os artistas consolidam o aspecto documental do movimento, apresentando uma visão abrangente e, ao mesmo tempo, íntima da vida urbana.

Adicionalmente, ao reunir esses elementos efêmeros e sutis da paisagem urbana, os encontros de desenho não apenas registram a materialidade do espaço, mas também capturam a fluidez de sua vivência cotidiana. Essa abordagem sensível aos detalhes se conecta diretamente à forma como diferentes circunstâncias externas influenciam a percepção do ambiente. Assim, a comparação entre momentos, perspectivas e condições externas distintas dos registros, permitem uma leitura mais aprofundada sobre como o espaço é vivido e transformado ao longo do tempo.

Tem-se como exemplo a comparação entre a exposição *Palimpsestos* e o *Encontro de Desenho* na Praça Pantheon, em que houve registros do mesmo espaço, entretanto, em momentos diferentes, destacando como fatores como o clima e a iluminação impactam a experiência do observador e a maneira como o espaço é representado.

Na Figura 92, é possível perceber esses dois momentos distintos de registro. No primeiro, com o ponto de vista voltado para a biblioteca, fica evidente a possibilidade de o desenho ter sido feito ao ar livre em um dia ensolarado, sem restrições climáticas que impedissem a observação externa. Já no segundo desenho, nota-se a presença de um dia chuvoso, o que levou o observador a se posicionar na biblioteca, o único local disponível para abrigo naquele momento.

É perceptível ainda a distinção na forma como os registros são construídos. No primeiro desenho, a imagem é retratada de maneira mais abundante, com riqueza de detalhes na vegetação e nos equipamentos urbanos, refletindo a liberdade de observação e o tempo disponível para a elaboração minuciosa. Já no segundo, os traços se tornam mais rápidos e focais, sugerindo a necessidade de um registro ágil e adaptado às condições adversas. Essa diferença ressalta como o clima impacta diretamente não apenas a escolha do ponto de vista, mas também a técnica e a expressividade do desenho.

Figura 92: Desenhos realizados na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.



Fonte: Compilação autoral de um artista desconhecido e imagem autoral.

Essa comparação entre diferentes momentos de registro fortalece a documentação dos espaços, uma vez que revela sua mutabilidade e a interação entre o observador e o meio. Registros gráficos ou textuais que consideram variáveis externas ampliam a compreensão do lugar não como algo estático, mas como um organismo vivo, em constante transformação. Isso torna a documentação mais rica e significativa, ao captar não apenas a forma arquitetônica do espaço, mas também sua atmosfera e sua relação com as circunstâncias temporais.

Conclui-se que o encontro realizado no Complexo Deodoro, apesar das adversidades climáticas, cumpriu seu papel ao explorar a prática do *urban sketching* como ferramenta de documentação dos espaços livres públicos. A atividade demonstrou que, além de registrar visualmente a cidade, a prática consegue captar as dinâmicas sociais, históricas e culturais que permeiam os espaços urbanos, oferecendo uma interpretação única e subjetiva de cada participante.

Essa abordagem detalhista e sensível contribui para a riqueza visual e narrativa do movimento, permitindo que o espectador não apenas admire os desenhos, mas também compreenda melhor os espaços retratados. Os *sketches* tornam-se registros históricos, culturais e emocionais que narram a vida cotidiana de maneira genuína, ressaltando tanto a grandeza de um monumento quanto a sutileza de um padrão de ladrilhos.

⁴ Montagem de uma imagem de autoria desconhecida e imagem autoral.

O evento reforçou a relevância dessa abordagem não apenas como um método artístico, mas também como um instrumento para compreender a relação entre os cidadãos e os espaços livres públicos, estimulando reflexões sobre sua preservação, identidade e planejamento. Assim, evidencia-se que o *urban sketching* possui um potencial significativo para contribuir com o entendimento, a valorização e o aprimoramento dos espaços livres públicos, alinhando-se diretamente ao objetivo de investigar suas múltiplas dimensões e significados no contexto urbano de São Luís.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar a prática do *urban sketching* como ferramenta para a documentação dos espaços livres públicos, com foco na cidade de São Luís-MA. Ao longo da pesquisa, foi possível analisar a relevância dessa prática como uma forma de registrar os aspectos históricos, arquitetônicos e sociais do espaço urbano, a partir de uma metodologia que combinou revisão bibliográfica, análise documental e encontro de desenho ao ar livre na Praça Pantheon, São Luís/MA.

Para se atingir uma compreensão do *urban sketching* como ferramenta de documentação, foram definidos três objetivos específicos. O primeiro buscou investigar a relação entre a história da arte e da arquitetura e o uso do desenho como instrumento de registro e preservação. Verificou-se que o desenho, além de registrar aspectos técnicos, é uma linguagem gráfica essencial para captar nuances estéticas e simbólicas dos espaços urbanos.

O segundo objetivo analisou a prática do *urban sketching* enquanto método eficaz de documentação dos espaços livres públicos em São Luís-MA. Constatou-se que essa abordagem permite registrar tanto as características visuais quanto as dinâmicas sociais presentes nesses locais. Por fim, o terceiro objetivo consistiu em explorar a percepção dos usuários sobre os espaços públicos a partir dos registros visuais produzidos. A análise revelou que o *urban sketching* pode reforçar a relação entre as pessoas e os lugares, promovendo reflexões sobre sua preservação, identidade e planejamento.

Com isso, a hipótese de que o *urban sketching* é uma prática eficaz para documentar os espaços livres públicos se confirmou. Os resultados obtidos reforçam a importância do desenho como linguagem gráfica essencial para a preservação e documentação do patrimônio arquitetônico e cultural. Sendo assim, conclui-se que os registros produzidos por essa metodologia oferecem uma nova perspectiva para o entendimento das transformações urbanas e para a valorização do patrimônio local. Os instrumentos de coleta de dados utilizados na

pesquisa, como os registros visuais e o encontro de *urban sketching* na praça Pantheon, mostraram-se apropriados para os objetivos propostos.

Em pesquisas futuras, recomenda-se ampliar o escopo da prática para outros espaços livres públicos da cidade, além de combinar o *urban sketching* com outras metodologias, como fotografias, narrativas orais e análises espaciais. A promoção de eventos comunitários e a colaboração com instituições culturais podem fortalecer ainda mais essa prática, integrando-a como um instrumento relevante no planejamento urbano e na preservação do patrimônio.

Dessa forma, espera-se que o *urban sketching* continue contribuindo para o registro, a reflexão e a valorização do espaço público em suas múltiplas dimensões, para poderem ampliar e aprofundar o diálogo entre a arte e a cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRES, Luiz Phelipe de Carvalho. **Reabilitação do Centro Histórico de São Luís: revisão crítica do Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís/PPRCHSL, sobre o enfoque da conservação urbana integrada.** 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3305>. Acesso em: 24 fev. 2025.

ARNHEIM, Rudolf. **Visual Thinking.** Berkeley: University of California Press, 1969.

@jotabnc. **Desenho do Encontro de Desenho na Praça Pantheon, São Luís, Maranhão.**, 18 jan. 2025. Disponível em: <
https://www.instagram.com/p/DE-OxxIpmaU/?img_index=1>. Acesso em: 24 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Encontro de Urban Sketching em Tauá, Ceará, Brasil.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Encontro de Urban Sketching na cidade de Salto, São Paulo, Brasil.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho no Largo de Santa Rita do Museu de Arte Sacra de Paraty, Rio de Janeiro.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho do Parque Realengo Susana Napolini, Rio de Janeiro.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho da Praça da Sé, em Salvador, Bahia.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho da Igreja de Santa Rita, em Paraty, Rio de Janeiro.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho em Paraty, Rio de Janeiro.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho em Gramado, Rio Grande do Sul, na @festurisgramado.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Encontro de urban sketchers em Paraty, Rio de Janeiro.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Encontro de urban sketchers em Sorriso, Mato Grosso.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Encontro de urban sketchers em Paraty, Rio de Janeiro.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho no mercado San Telmo, Buenos Aires.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho do Parque Realengo Susana Napolini, Rio de Janeiro.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Sketch no “O Mundo do Circo”, São Paulo.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho da Praça Dom José Gaspar, São Paulo.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenhando no Pavilhão Japonês, Parque Ibirapuera, São Paulo.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho da fachada da Fábrica Santa Amélia, São Luís, Maranhão.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho da Escola Dr Xavier da Silva, Curitiba, Paraná.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho das ruas de Copacabana, Rio de Janeiro.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Grupo Urban Sketchers, São Luís.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenhos da cidade de São Luís, Maranhão.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenhos na cidade de São Luís, Maranhão, Praça João Lisboa.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho na cidade de São Luís, Maranhão, Praça Pantheon.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho na cidade de São Luís, Maranhão, Festa de São Marçal.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

@urban_sketchers_brasil. **Desenho da cidade de São Luís, Maranhão, Estacionamento do Camino Supermercados.** Disponível em: https://www.instagram.com/urban_sketchers_brasil/. Acesso em: 28 fev. 2025.

BAJZEK, Eduardo. **Técnicas de ilustração à mão livre: do ambiente construído à paisagem urbana.** Osasco, SP: Gustavo Gili, 2019.

BERGER, J. **Modos de Ver.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOITO, C. **Os restauradores.** trad. Beatriz Mugayar Kühl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração.** Ateliê Editorial, 2004.

CAMPANARIO, Gabriel. **The art of urban sketching: Drawing on location around the world.** Quarry Books, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 2004.

CARVALHO, José Antônio. **Documentação urbana e patrimônio histórico: espaços livres públicos e memória coletiva.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015.

CASTRO, Maria de Fátima; CAMPOS, João Ricardo. **Fundamentos da documentação e arquivística.** Rio de Janeiro: LTC, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CUTRIM, Kláutenys Dellene Guedes et al. Lugares da cidade: o centro histórico de São Luís como lugar de memória e reconhecimento identitário. **International Journal of Development Research**, v. 10, n. 12, p. 43046-43052, dez. 2020. Disponível em: <http://www.journalijdr.com/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Fausto Castilho. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

GREGORY, Danny. **An Illustrated Life: Drawing Inspiration from the Private Sketchbooks of Artists, Illustrators and Designers**. Princeton Architectural Press, 2008.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **Estudos para igrejas de cúpulas centralizadas, Leonardo da Vinci**. História das Artes, 2020. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/estudos-igrejas-vinci/>. Acesso em: 11 jan. 2025.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira. 1. ed. São Paulo: DIFEL, 2009.

LEITÃO, Gerônimo; DELECRAVE, Jonas. O programa Morar Carioca: novos rumos na urbanização das favelas cariocas? **Revista Brasileira de Planejamento Urbano**, n. 29, p. 265-284, 2013. Disponível em: <https://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/11artigo29.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025,

LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge, MA: MIT Press, 1960.

MACEDO, Silvio Soares. **Espaço livre público e urbanidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MEISTERDRUCKE. Vista do desenho de Miguel Ângelo para a fachada da Basílica de São Pedro, Roma, Itália (gravura). **Meisterdrucke**, [s.d.]. Disponível em: [https://www.meisterdrucke.pt/impresoes-artisticas-sofisticadas/Michelangelo-\(after\)-Buonarroti/1055207/Vista-do-desenho-de-Miguel-%C3%82ngelo-para-a-fachada-da-Bas%C3%ADlica-de-S%C3%A3o-Pedro,-Roma,-It%C3%A1lia-\(gravura\).html](https://www.meisterdrucke.pt/impresoes-artisticas-sofisticadas/Michelangelo-(after)-Buonarroti/1055207/Vista-do-desenho-de-Miguel-%C3%82ngelo-para-a-fachada-da-Bas%C3%ADlica-de-S%C3%A3o-Pedro,-Roma,-It%C3%A1lia-(gravura).html). Acesso em: 24 fev. 2025.

MUMFORD, Lewis. **The city in history: Its origins, its transformations, and its prospects**. New York: Harcourt, Brace & World, 1961.

O que são espaços livres públicos? Disponível em: <https://www.gov.br/cidades/pt-br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/desenvolvimento-regional/reabilitacao-de-areas-urbanas/3-o-que-sao-espacos>. Acesso em: 3 jun. 2024.

PHELIPE DE CARVALHO ANDRES, Luiz. **Reabilitação do Centro Histórico de São Luís**: revisão crítica do Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís/PPRCHSL, sobre o enfoque da conservação urbana integrada. Dissertação (mestrado em desenvolvimento urbano), Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco. 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3305>. Acesso em: 18 fev. 2025.

ROCHA, Everardo. **Memória e espaço livre público: símbolos, identidade e imaginário coletivo**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

ROBBA, Fábio; GONÇALVES, Fábio Mariz. **Guia de espaços livres de São Paulo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SCHÜTZ, Jenerton. Patrimônio arquitetônico e preservação: reflexões à luz de John Ruskin. **Museologia e Patrimônio**, v. 15, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>. Acesso em: 18 fev. de 2025.

SEQUEIRA, João B. M. de. **Vitruvio de Architectura - Vol. 1**. Lisboa: LabART Editions, 2020.

SILVA, Ana Maria. **Documentação técnica e científica: conceitos e práticas**. São Paulo: FGV, 2006.

SOARES, Zeca. Piscinão do Pantheon. **Blog do Zeca Soares**, 20 abr. 2015. Disponível em: <https://www.blogsoestado.com/zecasoares/2015/04/20/piscinao-do-pantheon/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

Aires, Társis. In.: **SKETCHERS do Brasil**. São Luís: Livros, 2016. Disponível em: file:///C:/Users/kduac/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Sketchers_do_Brasil_SaoLuis_alta.pdf. Acesso em 24. fev. 2025.

SKETCHERS do Brasil. São Luís: Livros, 2016. Disponível em: file:///C:/Users/kduac/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Sketchers_do_Brasil_SaoLuis_alta.pdf. Acesso em 24. fev. 2025.

URBAN SKETCHERS. **The art of drawing on location**. New York: Quarry Books, 2013.

VALGAS, Paulo Henrique Tôrres. **URBAN SKETCHERS MEMÓRIA E RESSONÂNCIA NOS ESPAÇOS DA CIDADE**. In: Anais do XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Anais...Rio de Janeiro (RJ) UFRJ, 2018. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xvshcu/82897-URBAN-SKETCHERS--MEMORIA-E-RESSONANCIA-NOS-ESPACOS-DA-CIDADE>. Acesso em: 18/02/2025.

VALGAS, P. H. T. **Urban sketchers: memória e ressonância nos espaços da cidade**. In: Anais do XVII Encontro Estadual de História da ANPUH-SC, 2018, Joinville-SC. Disponível em: https://www.encontro2018.sc.anpuh.org/resources/anais/8/1537970445_ARQUIVO_anpuh-URBANSKETCHERS_MEMORIAERESSONNCIANOSESPACOSDACIDADE.pdf. Acesso em: 18 fev. 2025.

VEGINI, Luiza. **Os segredos da cúpula de Brunelleschi**. Florença, Archtrends Portobello, 19 mar. 2018. Disponível em: <https://blog.archtrends.com/os-segredos-da-cupula-de-brunelleschi/>. Acesso em: 14 jan. 2025.

VALOR ECONÔMICO. **Quem são os ‘sketchers’, pessoas que desenham a paisagem**

urbana pelo mundo. Disponível em: <https://leiaisso.net/frq1b/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

WITTKOWER, Rudolf. O sistema de proporções fugal de Palladio. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/763772/o-sistema-de-proporcoes-fugal-de-palladio-rudolf-wittkower>.